INSTITUTO BRASILEIRO DE ENSINO, DESENVOLVIMENTO E PESQUISA (IDP)

GRADUAÇÃO EM ECONOMIA

MARIA ALICE RODRIGUES DELGADO

O POTENCIAL CRESCIMENTO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DO BRASIL NO ÂMBITO DO BRICS

Brasília - DF

2025

MARIA ALICE RODRIGUES DELGADO

O POTENCIAL CRESCIMENTO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DO BRASIL NO ÂMBITO DO BRICS

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Graduação em Economia do Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa (IDP), como um dos requisitos necessários para a obtenção do título de economista.

Aprovado em: 01/07/2025

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Marcel Stanlei Monteiro – Professor Orientador

Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa (IDP)

Prof. Me. Rodrigo Dela-Sávia da Fonseca

Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa (IDP)

Profa. Me. Glauciana de Araújo Soares

Brasília - DF

2025

Agradecimentos

À minha mãe, Márcia Rodrigues Delgado, por todo o cuidado, paciência e amor incondicional; por sempre ter sido o meu maior e melhor exemplo de ser humano.

Ao meu pai, Luís Augusto Almeida Delgado, por todo o carinho, atenção e por nunca ter medido esforços para que eu tivesse a oportunidade de estudar em instituições de ensino de excelência; por ser o pai que, um dia, prometeu a si mesmo se tornar.

Ao meu professor orientador, Dr. Marcel Stanlei Monteiro, não só por ter aceitado me auxiliar na produção deste trabalho, mas também por todas as conversas e conselhos voltados ao meu desenvolvimento pessoal e profissional.

Ao professor e Coordenador Executivo da Graduação em Economia do IDP, Mathias Schneid Tessmann, por toda a resolutividade e parceria ao longo desses últimos quatro anos.

À professora — e, com certeza, uma das maiores econometristas do Brasil — Roberta Moreira Wichmann, por entender que existem diferentes perfis de alunos e conseguir enxergar o potencial individual de cada um.

Ao meu irmão, Luís Augusto Almeida Delgado Júnior, por ter me proporcionado o privilégio de ter um amigo dentro de casa que me ensinou tanto sobre a vida; por sempre ter compreendido e me ajudado a vencer os meus maiores medos e aflições.

A cada membro da família Rodrigues que demonstrou orgulho e admiração quando eu contei que havia decidido cursar Economia.

À minha segunda família, Rodrigo Bittencourt Novaes Cabral, Ana Cláudia Moura Bittencourt, João César Novaes Cabral e João Augusto Bittencourt Novaes Cabral, pelo acolhimento, apoio e segurança que sempre me passaram.

Por fim, aos meus melhores amigos, Diego Santana Carvalho e Mariana Jucá da Silveira e Silva, por nunca terem desistido de me ajudar a alcançar a minha melhor versão.

RESUMO

O presente trabalho analisa as possibilidades de crescimento e desenvolvimento econômico do Brasil como um componente original do BRICS, considerando as relações bilaterais com os demais membros fundadores do grupo: Rússia, Índia, China, e África do Sul. Criado oficialmente em 2006 e ampliado em 2011, com o ingresso da África do Sul, o BRICS consolidou-se como um fórum de cooperação entre economias emergentes, com o objetivo de fortalecer a influência exercida pelos países do Sul Global frente às estruturas tradicionais de poder. A pesquisa parte da seguinte pergunta: a participação do Brasil no BRICS é capaz de trazer benefícios econômicos mesmo diante de crises, como a pandemia de COVID-19, e tensões geopolíticas, como o conflito militar entre Rússia e Ucrânia? A partir dela, foram formuladas duas hipóteses, relacionadas à ampliação e diversificação das relações financeiras e comerciais, e à mitigação dos efeitos de conturbações econômicas. Com base na análise de dados no período de 2019 a 2023 relacionados ao comércio bilateral entre o Brasil e os outros países-membros originais da aliança e à atuação do Novo Banco de Desenvolvimento (NBD), um Banco Multilateral de Desenvolvimento (BMD) criado no âmbito do BRICS, observa-se que o Brasil se beneficia tanto das volumosas exportações destinadas à China, seu principal parceiro comercial, quanto da importação de insumos essenciais da Rússia e da Índia, fundamentais para o funcionamento de setores que compreendem grande importância para a economia do país. Além disso, o acesso a financiamentos via NBD amplia as possibilidades de investimento em infraestrutura e sustentabilidade. Os resultados obtidos demonstram que, apesar das assimetrias existentes entre os membros do grupo, o BRICS contribui para o fortalecimento e o desenvolvimento da economia brasileira em meio a um cenário econômico internacional instável.

Palavras-Chave: BRICS, Brasil, Crescimento Econômico, Desenvolvimento Econômico Sustentável, Comércio Bilateral, Novo Banco de Desenvolvimento (NBD).

ABSTRACT

This paper analyzes the possibilities for Brazil's economic growth and development as an original member of BRICS, considering the bilateral relations with the other founding members of the group: Russia, India, China, and South Africa. Officially created in 2006 and expanded in 2011 with the entry of South Africa, BRICS has consolidated itself as a cooperation forum among emerging economies, aiming to strengthen the influence exerted by Global South countries in contrast to traditional power structures. The research is based on the following question: can Brazil's participation in BRICS bring economic benefits even in the face of crises and geopolitical tensions? Based on this, two hypotheses were formulated, related to the expansion and diversification of financial and commercial relations, and to the mitigation of the effects of economic disruptions. Based on the analysis of data in the period from 2019 to 2023 related to bilateral trade between Brazil and the other original member countries of the alliance, and the performance of the New Development Bank (NDB), a Multilateral Development Bank (MDB) created within the scope of BRICS, it is observed that Brazil benefits both from the large volumes of exports to countries such as China, its main trading partner, and from the import of essential inputs from Russia and India, which are fundamental for the functioning of sectors with great participation in the country's Gross Domestic Product (GDP), such as agribusiness. Furthermore, access to financing through the NDB expands investment possibilities in infrastructure and sustainability. The results obtained demonstrate that, despite the existing asymmetries among the group's members, BRICS contributes to strengthening the Brazilian economy by offering strategic alternatives in an unstable international scenario.

Keywords: BRICS, Brazil, Economic Growth, Economic Development, Bilateral Trade, New Development Bank (NDB).

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Valores referentes ao total de exportações e importações realizadas entre o Brasil e os demais membros do BRICS em 2019.

Tabela 2. Valores referentes ao total de exportações e importações realizadas entre o Brasil e os demais membros do BRICS em 2020.

Tabela 3. Valores referentes ao total de exportações e importações realizadas entre o Brasil e os demais membros do BRICS em 2021.

Tabela 4. Valores referentes ao total de exportações e importações realizadas entre o Brasil e os demais membros do BRICS em 2022.

Tabela 5. Valores referentes ao total de exportações e importações realizadas entre o Brasil e os demais membros originais do BRICS em 2023.

1. Introdução

No ano de 2006, foi oficialmente criado o agrupamento diplomático e comercial denominado “BRIC”, com o objetivo de fortalecer a cooperação entre Brasil, Rússia, Índia e China. Em 2011, a África do Sul passou a integrar o grupo como a maior economia do continente africano. Com isso, o fórum de cooperação passou a se chamar “BRICS”. Desde então, o grupo tem se consolidado no cenário internacional como um exemplo de união estratégica entre economias emergentes, com a intenção de exercer maior influência econômica, política e institucional frente às estruturas tradicionais de poder global. De acordo com Stuenkel (2017), o grupo defende iniciativas como a realização de transações financeiras em moedas locais, como forma de fortalecer as economias internas e reduzir a histórica dependência do dólar estadunidense.

Em 2023, o protagonismo do BRICS foi intensificado com o anúncio da adesão de novas nações, como Egito, Emirados Árabes Unidos, Indonésia e Irã, marcando o início de uma fase de expansão e redefinição de objetivos internos. No entanto, neste trabalho, serão analisadas exclusivamente as interações entre o Brasil e os demais países que deram origem ao acrônimo “BRICS”, no período de 2019 a 2023.

O Brasil dispõe de possibilidades concretas para promover e incentivar tanto seu crescimento quanto seu desenvolvimento econômico por meio da contribuição multilateral proporcionada pelo BRICS: (a) por meio da captação de investimentos; (b) pelo fortalecimento de cadeias produtivas; e (c) pela ampliação do comércio com os países-membros. Neste trabalho, o desenvolvimento será abordado com base nas ações do Novo Banco de Desenvolvimento (NBD), cuja atuação está voltada a projetos com ênfase em sustentabilidade.

A pergunta de pesquisa que orienta este trabalho é: a participação do Brasil no BRICS pode trazer benefícios relacionados ao crescimento e ao desenvolvimento econômico do país mesmo diante de crises econômicas e tensões geopolíticas, como a pandemia de COVID-19 e o conflito militar entre Rússia e Ucrânia? Com base nessa questão, foram formuladas duas hipóteses:

a) As interações do Brasil com os demais integrantes originais do BRICS estimulam seu crescimento e desenvolvimento econômico por meio da diversificação e da ampliação das relações financeiras e comerciais;

b) A atuação conjunta dos países-membros originais do BRICS ajuda a mitigar impactos negativos para a economia do Brasil resultantes de crises e tensões globais, como a pandemia de COVID-19 e o conflito entre Rússia e Ucrânia.

O objetivo desta pesquisa é identificar a influência que as relações do Brasil com os demais membros originais do BRICS podem exercer sobre a economia do país, tanto do ponto de vista do crescimento quanto do desenvolvimento.

2. Referencial Teórico

2.1 O Contexto em que surgiu o BRICS

O acrônimo original “BRIC” foi criado no ano de 2001 pelo economista britânico Jim O'Neill, na intenção de agrupar países com algumas características semelhantes: economias emergentes, rápida industrialização e grande extensão territorial, visando a formação de um novo âmbito de cooperação diplomática e comercial, conforme aponta Stuenkel (2017).

Ainda de acordo com Stuenkel (2017), a ideia de O'Neill surgiu em um dos momentos de ápice da globalização, pouco depois do 11 de setembro. Nesse contexto, ele passou a acreditar que o histórico domínio econômico do Ocidente exigia novos concorrentes. Assim, ele enxergou os países Brasil, Rússia, Índia e China como agentes fundamentais no que dizia respeito às mudanças às quais estava sujeita a economia global naquela época. Os componentes do grupo foram selecionados a partir de análises de indicadores como o número de habitantes, o PIB e o PIB per capita. O economista apostava em um significativo desenvolvimento econômico do BRIC (em especial, da China) e que isso afetaria de forma notória o PIB mundial ainda na primeira década do século XXI.

É importante enfatizar que, embora seja comumente citado pela mídia dessa maneira, o BRIC não se tratava (e não se trata, até os dias de hoje) de um bloco econômico formal. Ele foi pensado, na realidade, como um fórum de cooperação econômica e diplomática entre os países do Sul Global. A aliança foi estabelecida com a finalidade de defender interesses econômicos, políticos e sociais comuns entre os países-membros e de buscar, em conjunto, mais influência e destaque no cenário internacional. Sendo assim, o BRIC surgiu como uma ameaça à tradicional soberania econômica de países e regiões mais desenvolvidas, como os Estados Unidos e a Europa (Brasil, 2025; InfoMoney, 2023; Stuenkel, 2017).

O BRIC só foi fundado, de fato, em 2006, quando, pela primeira vez, Ministros das Relações Exteriores de cada uma das nações se reuniram durante a Assembleia-Geral das Nações Unidas, em Nova Iorque. No ano de 2009, na cidade de Ecaterimburgo, na Rússia, ocorreu a 1ª Reunião de Cúpula do BRIC. Dessa vez, os países foram representados por seus respectivos chefes de Estado (Brasil, 2025). Segundo Stuenkel (2017), a essa altura, o grupo e seu potencial já eram conhecidos e comentados ao redor de todo o mundo.

Em 2011, a África do Sul tornou-se o primeiro país a adentrar o grupo desde a sua 1ª Reunião de Cúpula, tornando-se, assim, o único representante do continente africano no fórum que, a partir de então, passaria a ser chamado de “BRICS”. No entanto, Moraes e Ribeiro (2015), destacam que essa adesão foi amplamente criticada, inclusive pelo próprio

Jim O'Neill, que enfatizou o fato de que o mais novo integrante possuía um perfil significativamente distinto das particularidades comuns entre os demais quatro países. A escolha da participação da África do Sul no BRICS não foi baseada em critérios exclusivamente econômicos. Também foi adotada uma clara estratégia geopolítica simbólica que, mais tarde, justificaria também a entrada de outros integrantes.

Somente em 2023, mais de 10 anos após o ingresso da África do Sul, ocorreu uma nova mudança na configuração do BRICS. A partir do mandato da Declaração de Joanesburgo, de 2023, seis novos países se juntaram aos cinco membros originais, sendo eles: Arábia Saudita, Egito, Emirados Árabes Unidos, Etiópia, Indonésia e Irã. Assim, o agrupamento passou a contar com onze integrantes oficiais. Além disso, em 2024, durante a 16ª Reunião de Cúpula, realizada em Kazan, na Rússia, também foi criada uma categoria que incluía os países Belarus, Bolívia, Cazaquistão, Cuba, Malásia, Nigéria, Tailândia, Uganda e Uzbequistão como parceiros do BRICS (BRICS, 2023).

2.2 O Potencial Econômico e Comercial de Cada País-Membro Original do BRICS

2.2.1 O Brasil

É verdade que, nos últimos tempos, a economia brasileira tem passado por conturbações que se refletiram em uma grande insatisfação tanto por parte da população quanto do mercado interno do país. No entanto, essa nem sempre foi a sua realidade: o Brasil já foi muito mais bem visto aos olhos da comunidade internacional.

Em 2011, durante o primeiro mandato de Dilma Rousseff, o Brasil ultrapassou o Reino Unido e se apresentou, pela primeira — e única — vez até então, como a sexta maior economia do mundo, ficando atrás apenas da França, Alemanha, Japão, China e Estados Unidos, que lidera o ranking até hoje.

Nach e Ncwadi (2024) trazem que o Brasil detém aproximadamente 20% de toda a reserva de água doce do planeta e destacam a autossuficiência do país na geração de energia, além da sua grande vantagem comparativa relacionada à produção e à exportação de alimentos. Ademais, o Brasil está entre os poucos países do mundo que ainda possuem capacidade de expansão da sua atividade agrícola, setor dentro da sua economia que confere uma visibilidade histórica ao país.

2.2.2 A Rússia

Localizada tanto no continente asiático quanto no continente europeu, a Rússia é o país detentor do maior território do globo. Quando o BRICS foi oficialmente criado, em 2006, a Rússia já era, desde os anos 1990, a principal fornecedora de gás natural da União Europeia (UE), devido à sua posição geográfica privilegiada. Naquele período, cerca de metade do

consumo de gás do bloco já era proveniente de apenas três países: Rússia, Noruega e Argélia. Além disso, projetava-se que, caso as tendências vigentes continuassem, as importações de gás da UE poderiam aumentar para cerca de 80% nos próximos 25 anos (European Union, 2006), o que evidencia uma clara dependência histórica da Europa sobre as exportações russas.

A Rússia é também o maior exportador de fertilizantes do mundo, enquanto o Brasil é o país que mais importa esses produtos. De acordo com Dmitrieva, Ilinova e Kraslawski (2017), as empresas russas de fertilizantes desempenham um papel estratégico e social de importante relevância para a economia do país.

No período de 2019 a 2023, os produtos brasileiros que mais se destacaram em meio às exportações destinadas à Rússia foram a soja, a carne bovina, o café não torrado, os amendoins e as carnes de aves e suas miudezas comestíveis. Por outro lado, o Brasil importou da Rússia principalmente adubos ou fertilizantes químicos (exceto fertilizantes brutos), óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos (exceto óleos brutos), carvão (mesmo em pó, mas não aglomerado), trigo e centeio não moídos e, a partir de 2023, óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos (crus) (Comex Stat, 2025).

2.2.3 A Índia

A Índia é um país extremamente populoso e caracterizado por uma economia bastante ativa e em crescimento. Esse dinamismo é explicado pelo ajustamento das políticas adotadas pelo governo indiano em resposta às mudanças econômicas que acontecem tanto dentro de seu território quanto no cenário internacional (Caballero, 2024)

Entre 2019 e 2023, os principais produtos exportados pelo Brasil para a Índia foram as gorduras e óleos vegetais (*soft*, brutos, refinados ou fracionados), os açúcares e melaços, os óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos (crus) e o ouro não monetário (excluindo minérios de ouro e seus concentrados). Já os produtos indianos que se destacaram nas importações realizadas pelo Brasil foram os compostos organo-inorgânicos, compostos heterocíclicos, ácidos nucléicos e seus sais e sulfonamidas, os óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos (exceto óleos brutos), e os inseticidas, rodenticidas, fungicidas, herbicidas, reguladores de crescimento para plantas, desinfetantes e semelhantes (Comex Stat, 2025).

2.2.4 A China

Segundo Veríssimo e Vieira (2009), na década de 90, a China começou a apresentar elevadas taxas de crescimento em comparação às demais economias emergentes. Durante esse período (anos 1990), o crescimento médio do PIB do país foi de 10%. Entre 2000 e 2005, o

que inclui o momento em que o inicialmente BRIC foi criado, o percentual foi de 9,4%, indicando um avanço expressivo da economia chinesa.

Hoje, a China é o país detentor do segundo maior PIB do mundo, ficando atrás apenas dos Estados Unidos, com uma economia que se destaca em diversos setores estratégicos e produtivos, como os de manufatura e indústria, tecnologia e inovação, infraestrutura, energia limpa e agronegócio. O país é também o maior parceiro comercial do Brasil desde 2009, quando ultrapassou os Estados Unidos como principal destino das exportações brasileiras (Comex Stat, 2025).

Entre 2019 e 2023, o Brasil exportou para a China majoritariamente soja, óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos (crus), minério de ferro e seus concentrados, carne bovina e celulose. Em relação às importações brasileiras oriundas do país asiático, destacaram-se as válvulas e tubos termiônicas de cátodo frio ou foto-cátodo, diodos e transistores, os equipamentos de telecomunicações (incluindo peças e acessórios), os compostos organo-inorgânicos, compostos heterocíclicos, ácidos nucléicos e seus sais e sulfonamidas, os adubos ou fertilizantes químicos (exceto fertilizantes brutos), os inseticidas, rodenticidas, fungicidas, herbicidas, reguladores de crescimento para plantas, desinfetantes e semelhantes, as máquinas e aparelhos elétricos, as máquinas de energia elétrica (exceto planta elétrica rotativa) e suas partes, os veículos automóveis de passageiros, os produtos laminados planos de ferro ou aço não ligado (folheados ou chapeados, ou revestidos), os aparelhos elétricos para ligação, proteção ou conexão de circuitos e as partes e acessórios dos veículos automotivos (Comex Stat, 2025).

2.2.5 A África do Sul

De acordo com Veríssimo e Vieira (2009) a África do Sul adentrou o BRICS como a maior potência do continente africano, com uma taxa média de crescimento do PIB de 4% entre 2000 e 2005. A África do Sul é, hoje, um país onde há grande competitividade, impulsionada por uma postura aberta e positiva por parte do governo e um eficiente ambiente legal, além do dinamismo que, assim como acontece na Índia, beneficia sua economia (Caballero, 2024).

No período entre 2019 e 2023, os principais produtos brasileiros exportados para a África do Sul foram os óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos (exceto óleos brutos), os veículos rodoviários, as carnes de aves e suas miudezas comestíveis e o zinco. Do lado das importações, o país africano tem fornecido ao Brasil bastante prata, platina e outros metais do grupo da platina, carvão (mesmo em pó, mas não aglomerado), bombas, centrífugas, compressores de ar, ventiladores, exaustores, aparelhos de filtrar ou depurar e

suas partes, alumínio e outros minérios e concentrados dos metais de base (Comex Stat, 2025).

2.3 Novo Banco de Desenvolvimento (NBD): Uma Alternativa para o Desenvolvimento Sustentável

O Novo Banco de Desenvolvimento (NBD) foi estabelecido em 2015 pelos países que deram nome ao BRICS como um Banco Multilateral de Desenvolvimento (MDB) que teria como intuito captar recursos que se voltariam a projetos de infraestrutura e desenvolvimento em mercados emergentes e países subdesenvolvidos (NDB, 2025). O NBD é uma importante referência no que diz respeito à oferta de alternativas relacionadas à busca pelo desenvolvimento sustentável. O banco se baseia sempre nesse compromisso ao conduzir suas agendas e decisões (NDB, 2023).

De acordo com Batista Jr (2016), a ideia da criação de um banco foi apresentada em 2012 pela Índia, enquanto sediava a 4ª Reunião de Cúpula do BRICS na capital do país, Nova Déli. Em 2021, o Conselho de Governadores do NBD aprovou sua expansão, incluindo Bangladesh, Emirados Árabes Unidos, Egito e Uruguai na sua composição, obtendo um maior alcance no cenário internacional (NDB, 2023).

O NBD procura superar o desequilíbrio ocasionado pela crescente demanda por empréstimos de recursos financeiros tanto para seus países-membros quanto para demais países em desenvolvimento. Comprometido com princípios de sustentabilidade, o banco atua de forma que todos os projetos aprovados ponderem, examinem e reduzam os eventuais impactos socioambientais ao longo de cada atividade. Junto a isso, a credibilidade alcançada pelo NBD é fortalecida pela diversidade do seu portfólio e por suas elevadas classificações de risco no cenário internacional, posicionando-o como um importante agente na promoção de melhorias significativas na qualidade de vida das populações que assiste (NDB, 2025).

2.4 Ano de 2019: O Início da Pandemia de COVID-19

Em 2019, o PIB nominal do Brasil foi calculado em aproximadamente R$ 7,4 trilhões, com uma variação positiva real, ou seja, descontando a inflação do período, de 1,2% em relação ao volume de 2018 (IBGE, 2021). A balança comercial do país apresentou um superávit de US$ FOB (*Free on Board*) 35.198.840.067, o que não inclui os custos relacionados ao transporte dos produtos: as exportações totalizaram US$ FOB 221.126.807.647 e as importações US$ FOB 185.927.967.580 (Comex Stat, 2025).

Em relação ao comércio bilateral entre o país e os demais integrantes do BRICS, a Tabela 1 apresenta os valores em US$ FOB das exportações e importações realizadas durante

2019, ano em que surgiu o vírus Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2 (SARS-CoV-2), causador da COVID-19:

Tabela 1 - Valores em US$ FOB referentes ao total de exportações e importações realizadas entre o Brasil e os demais membros do BRICS em 2019 - Brasil, 2019

Países	Exportação - 2019 - Valor US$ FOB	Importação - 2019 - Valor US$ FOB
Rússia	1.618.719.276	3.715.806.864
Índia	2.776.645.771	4.536.993.946
China	63.357.523.149	36.028.297.004
África do Sul	1.132.155.198	751.990.917

Fonte: Comex Stat

Em 2019, os principais produtos exportados pelo Brasil com destino à Rússia foram a soja (US$ FOB 354.785.511), a carne bovina (US$ FOB 214.167.946), a alumina (óxido de alumínio), exceto corindo artificial, (US$ FOB 126.795.006), e as as carnes de aves e suas miudezas comestíveis (US$ FOB 113.735.541). Já os produtos russos mais importados pelo país foram os adubos ou fertilizantes químicos, exceto fertilizantes brutos, (US$ FOB 2.155.026.691), o carvão, mesmo em pó, mas não aglomerado, (US$ FOB 301.887.942), o alumínio (US$ FOB 248.799.249), as plataformas, embarcações e outras estruturas flutuantes (US$ FOB 208.053.049), os óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos, exceto óleos brutos, (US$ FOB 163.363.406) e a prata, platina e outros metais do grupo da platina (US$ FOB 128.492.257) (Comex Stat, 2025).

Em relação à Índia, os principais produtos brasileiros exportados para o país foram os óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos, crus, (US$ FOB 981.781.930), o ouro não monetário, excluindo minérios de ouro e seus concentrados, (US$ FOB 362.793.810), as gorduras e óleos vegetais, *soft*, brutos, refinados ou fracionados, (US$ FOB 263.109.200) e os açúcares e melaços (US$ FOB 230.261.634). Do lado das importações, os produtos mais fornecidos ao Brasil pela Índia foram os compostos organo-inorgânicos, compostos heterocíclicos, ácidos nucléicos e seus sais e sulfonamidas (US$ FOB 648.281.386), os óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos, exceto óleos brutos, (US$ FOB 537.728.360) e os inseticidas, rodenticidas, fungicidas, herbicidas,

reguladores de crescimento para plantas, desinfetantes e semelhantes (US$ FOB 411.427.025) (Comex Stat, 2025).

Os produtos mais exportados pelo Brasil para a China foram a soja (US$ FOB 20.452.339.452), os óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos, crus, (US$ FOB 15.480.473.967), o minério de ferro e seus concentrados (US$ FOB 13.526.607.537), a celulose (US$ FOB 3.250.159.179), a carne bovina (US$ FOB 2.685.450.096), as carnes de aves e suas miudezas comestíveis (US$ FOB 1.238.473.960), e o ferro-gusa, spiegel, ferro-esponja, grânulos e pó de ferro ou aço e ferro-ligas (US$ FOB 1.185.826.531). Já os principais produtos chineses importados pelo país foram os equipamentos de telecomunicações, incluindo peças e acessórios, (US$ FOB 4.166.766.504), as válvulas e tubos termiônicas de cátodo frio ou foto-cátodo, diodos, e transistores (US$ FOB 2.220.896.788) e as plataformas, embarcações e outras estruturas flutuantes (US$ FOB 2.115.688.933) (Comex Stat, 2025).

No Annual Report 2019, publicado pelo NBD, o banco lamentou a perda de vidas e os impactos negativos causados pela pandemia de COVID-19 sobre a economia e a sociedade da comunidade global, enfatizando sua solidariedade e destinando uma parcela expressiva de seus recursos humanos e financeiros para auxiliar não apenas seus integrantes, mas também outros países que apresentassem necessidade (NDB, 2020).

Com um crescimento médio ponderado do PIB de 5,0% em 2019, os integrantes do BRICS mostraram-se como agentes importantes da dinâmica econômica global. Apesar da desaceleração em relação a 2018 — quando o crescimento foi de 5,8% —, os cinco países, em especial China e Índia, ampliaram sua contribuição para a expansão do PIB mundial, de 43% em 2018 para 45% em 2019, mesmo diante da crise gerada pelo surto de COVID-19 (NDB, 2020).

Os resultados das atividades do NBD em 2019 refletiram seu progresso na jornada iniciada em 2016: foram aprovados 22 projetos que, juntos, totalizaram US$ 7,2 bilhões e incluíram o primeiro investimento do banco em participação no mercado acionário do Brasil. Durante seu quinto ano de operação, as aprovações cumulativas de projetos atingiram mais de US$ 15 bilhões, em um intervalo de tempo consideravelmente mais curto em comparação aos que outros BMDs estabelecidos com objetivos semelhantes levaram para alcançar esse mesmo marco (NDB, 2020).

Ainda em 2019, o NBD aprovou empréstimos em euro (EUR), renminbi (RMB), rand sul-africano (ZAR) e franco suíço, abandonando a tradição de utilização exclusiva do dólar estadunidense (USD). O banco emitiu seu segundo título em moeda chinesa,

arrecadando RMB 3 bilhões no mercado de títulos interbancários do país. A emissão atraiu ainda mais interesse por parte de investidores estrangeiros (NDB, 2020).

O NBD esteve presente na 11ª Reunião de Cúpula do BRICS, realizada na capital do Brasil, Brasília, em novembro de 2019. Durante um diálogo entre o banco, os líderes do BRICS e o Conselho Empresarial do BRICS, o então presidente indiano Kundapur V. Kamath informou aos chefes de Estado sobre o progresso do NBD no ano de 2018 e compartilhou a visão estratégica para seu futuro, destacando o processo gradual de transformação da instituição, de iniciante para um BMD plenamente funcional, capaz de alavancar capital de maneira eficaz, com foco no desenvolvimento sustentável, conforme idealizado pelos membros fundadores (NDB, 2020).

A organização da Cúpula também proporcionou ao organismo multilateral a oportunidade de estreitar interações com a comunidade empresarial do grupo e com parceiros brasileiros nas áreas de desenvolvimento sustentável e infraestrutura. O Ministério da Economia e o Ministério das Relações Exteriores do Brasil organizaram, em conjunto, um seminário com o NBD à margem do evento, que abriu espaço para a discussão sobre o financiamento de projetos no país, enfatizando a proposta de atuação nos setores público e privado. Ao final da Reunião, em 14 de novembro, foi assinada pelos líderes de cada país-membro do BRICS a Declaração de Brasília, que delineava os resultados da cooperação entre os integrantes do grupo e reafirmava o compromisso com os princípios de soberania, respeito mútuo e igualdade (NDB, 2020).

A participação de financiamento para clientes no Brasil, que representava 8% das aprovações cumulativas do NBD no final de 2018, aumentou para 10% em 2019. A Vale S.A., importante operadora logística do país, contou com um empréstimo corporativo de US$ 300 milhões para o desenvolvimento de seu sistema de transporte na região Norte. Foi estabelecido que até US$ 50 milhões poderiam ser entregues em RMB equivalente, enquanto o saldo restante seria fornecido em USD. Também foi concedido um empréstimo de US$ 500 milhões para dar suporte ao Fundo Clima (Fundo Clima – Brazil National Climate Fund Project). Os recursos foram direcionados a projetos que buscavam minimizar os impactos das mudanças climáticas em diversos setores da economia brasileira. Além disso, a instituição aprovou um investimento de até US$ 100 milhões em um fundo de private equity — o Patria Infrastructure Fund IV —, voltado ao setor de infraestrutura do Brasil e de outros países selecionados da América Latina (NDB, 2020).

Foi assinado, em 13 de novembro, um memorando entre o NBD e o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), dando continuidade ao acordo firmado

anteriormente, em 2015, que visava à cooperação e à ampliação das iniciativas em áreas de interesse mútuo entre as duas instituições. Posteriormente, em 16 de dezembro de 2019, o Conselho de Governadores do banco aprovou, pela primeira vez, o investimento de US$ 100 milhões em participação acionária no Brasil (NDB, 2020).

2.5 Ano de 2020: Os Impactos da Pandemia de COVID-19

Em 2020, ano em que o vírus da COVID-19 alcançou o Brasil, o PIB nominal do país foi novamente calculado em cerca de R$ 7,4 trilhões, entretanto, dessa vez, com uma variação real de -4,1% em relação ao ano de 2019 (IBGE, 2021). A balança comercial do Brasil contou com um superávit de US$ FOB 50.393.416.776: as exportações totalizaram US$ FOB 209.180.241.655 e as importações US$ FOB 158.786.824.879 (Comex Stat, 2025).

A Tabela 2 traz resultados do ano de 2020 relacionados às importações e exportações entre o Brasil e os outros integrantes do BRICS:

Tabela 2 - Valores em US$ FOB referentes ao total de exportações e importações realizadas entre o Brasil e os demais membros do BRICS em 2020 - Brasil, 2020

Países	Exportação - 2020 - Valor US$ FOB	Importação - 2020 - Valor US$ FOB
Rússia	1.523.729.890	2.747.251.333
Índia	2.884.744.854	4.167.453.691
China	67.788.075.211	34.778.441.387
África do Sul	989.028.874	612.238.450

Fonte: Comex Stat

Os principais produtos brasileiros exportados para a Rússia em 2020 foram a soja (US$ FOB 386.638.639), a carne bovina (US$ FOB 184.835.978), os amendoins (US$ FOB 117.427.776), o café não torrado (US$ FOB 111.316.166), e as carnes de aves e suas miudezas comestíveis (US$ FOB 108.767.390). Entre as importações brasileiras oriundas da Rússia, destacaram-se os adubos ou fertilizantes químicos, exceto fertilizantes brutos, (US$ FOB 1.786.229.984), o carvão, mesmo em pó, mas não aglomerado, (US$ FOB 240.509.187), o alumínio (US$ FOB 171.482.440), e a prata, platina e outros metais do grupo da platina (US$ FOB 100.548.181) (Comex Stat, 2025).

As exportações dos produtos brasileiros com destino à Índia contaram com volumes expressivos de óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos, crus, (US$ FOB

1.224.302.299), açúcares e melaços (US$ FOB 482.564.701), gorduras e óleos vegetais, *soft*, brutos, refinados ou fracionados, (US$ FOB 247.354.657), e ouro não monetário, excluindo minérios de ouro e seus concentrados, (US$ FOB 234.423.700). Já os principais produtos importados da Índia pelo Brasil foram os compostos organo-inorgânicos, compostos heterocíclicos, ácidos nucléicos e seus sais e sulfonamidas (US$ FOB 757.858.192) e os inseticidas, rodenticidas, fungicidas, herbicidas, reguladores de crescimento para plantas, desinfetantes e semelhantes (US$ FOB 462.186.676) (Comex Stat, 2025).

Os principais produtos exportados pelo Brasil para a China foram a soja (US$ FOB 20.903.176.750), o minério de ferro e seus concentrados (US$ FOB 18.513.325.261), os óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos, crus, (US$ FOB 11.345.919.040), a carne bovina (US$ 4.037.512.099), a celulose (US$ FOB 2.871.113.102), o ferro-gusa, spiegel, ferro-esponja, grânulos e pó de ferro ou aço e ferro-ligas (US$ 1.633.683.514), os açúcares e melaços (US$ FOB 1.290.910.694), as carnes de aves e suas miudezas comestíveis (US$ FOB 1.269.326.010), a carne suína (US$ FOB 1.231.060.695) e o algodão em bruto (US$ FOB 1.016.738.483). Em relação às importações de produtos chineses, destacaram-se os equipamentos de telecomunicações, incluindo peças e acessórios (US$ FOB 4.387.514.690), as válvulas e tubos termiônicas de cátodo frio ou foto-cátodo, diodos e transistores (US$ FOB 2.172.694.495), as plataformas, embarcações e outras estruturas flutuantes (US$ FOB 1.892.389.900), os compostos organo-inorgânicos, compostos heterocíclicos, ácidos nucléicos e seus sais, e sulfonamidas (US$ FOB 1.736.336.073) e as máquinas e aparelhos elétricos (US$ FOB 1.176.902.218) (Comex Stat, 2025).

Os produtos brasileiros mais exportados para a África do Sul foram as carnes de aves e suas miudezas comestíveis (US$ FOB 124.443.578), os óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos, crus, (US$ FOB 81.434.865), e os veículos rodoviários (US$ FOB 77.325.917). Já o Brasil importou do país principalmente prata, platina e outros metais do grupo da platina (US$ FOB 297.075.013), alumínio (US$ FOB 58.589.006) e inseticidas, rodenticidas, fungicidas, herbicidas, reguladores de crescimento para plantas, desinfetantes e semelhantes (US$ FOB 51.858.459) (Comex Stat, 2025).

No NDB Annual Report 2020, o NBD relatou que completou seu primeiro ciclo de cinco anos de atuação em meio a uma das mais complexas crises globais já enfrentadas por países em desenvolvimento. Os desafios relacionados à saúde pública e à economia gerados pela pandemia de COVID-19 demandavam ações urgentes e sem precedentes. As ações do banco buscavam responder às necessidades dos países-membros do BRICS desde o início da

crise, reservando um total de US$ 10 bilhões para destinar a medidas imediatas de recuperação (NDB, 2021).

O NBD começou a avaliar a possibilidade da concessão de empréstimos emergenciais em fevereiro de 2020. Em março, o banco aprovou os primeiros auxílios para todos os integrantes do BRICS, com exceção, apenas, da Rússia. Em dezembro de 2020, dois empréstimos adicionais foram concedidos ao Brasil e à Índia, elevando o total de operações aprovadas em decorrência da COVID-19 para US$ 6 bilhões. Como um grupo que valoriza o desenvolvimento sustentável, o BRICS continuou a elaborar planos estratégicos de desenvolvimento e a promover reformas em meio às perturbações econômicas de 2020. (NDB, 2021).

No final de 2020, os 68 projetos aprovados até então pelo NBD totalizavam um investimento de US$ 24,7 bilhões, dos quais US$ 6,9 bilhões já haviam sido desembolsados. Todos esses projetos foram direcionados a áreas alinhadas às prioridades nacionais e globais de desenvolvimento, envolvendo as necessidades de resposta dos países-membros à pandemia de COVID-19. O NBD também continuou a cumprir seu compromisso de fornecer financiamento em moedas locais. A título de exemplo, 75% das aprovações cumulativas do banco destinadas a projetos na China foram realizadas em RMB, enquanto 27% dos empréstimos concedidos à África do Sul foram denominados em ZAR. Além disso, o banco passou a explorar a possibilidade de expandir suas operações em real e em rublo, moeda oficial da Federação Russa (NDB, 2021).

Mais um empréstimo, no valor de US$ 50 milhões, foi aprovado pelo NBD para apoiar o Teresina Educational Infrastructure Loan, visando melhorar a infraestrutura educacional do município com a construção e reforma de escolas e o apoio à atualização do programa educacional da região. Também foi concedido um empréstimo de US$ 75 milhões para auxiliar o Bus Rapid Transit (BRT) Rideability Improvement Project, no município de Curitiba. O Sistema de Transporte Rápido por Ônibus (BRT) da cidade é considerado uma referência em eficiência no transporte público no Brasil. O projeto tinha como objetivo aprimorar a qualidade reconhecida do sistema, incentivando o maior uso do transporte coletivo, com custos reduzidos e trajetos mais rápidos, contribuindo, assim, para a redução de congestionamentos e emissões de poluentes (NDB, 2021).

Além disso, o NBD aprovou um empréstimo de EUR 135 milhões ao Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE) para apoiar o BRDE Sustainable Infrastructure Program. Os recursos seriam repassados para subprojetos em municípios de

menor porte, sem acesso a financiamento internacional, e para empresas, a fim de apoiar sua participação em parcerias público-privadas relacionadas à infraestrutura (NDB, 2021).

Em relação à parceria firmada entre o NBD e o BNDES, foi concedido um empréstimo de US$ 1,2 bilhão para o BNDES-NDB Sustainable Infrastructure Project, com o objetivo de auxiliar o banco brasileiro no repasse de recursos para projetos nos seguintes setores: água e saneamento, energia renovável e eficiência energética, infraestrutura social, mobilidade urbana, tecnologia da informação e comunicação, e transporte e logística (NDB, 2021).

O NBD enfatizou no Annual Report 2020 que, dadas as implicações negativas da pandemia sobre a saúde e a economia, que não podem ser previstas com precisão, algumas particularidades poderiam surgir durante a implementação e a execução dos projetos. No Brasil, por exemplo, o Auxílio Emergencial, implementado pelo governo federal e apoiado por empréstimos do banco, refletiu na inclusão digital de milhões de brasileiros no sistema bancário móvel. 40 milhões, das 68 milhões de pessoas que receberam o benefício, não possuíam conta bancária, o que mudou com a adoção do programa. A partir dele, grupos vulneráveis passaram a integrar, sem tarifas e em ambiente móvel, as redes de proteção social por meio da utilização da conta social bancária (NDB, 2021).

2.6 Ano de 2021: Recuperação Econômica

Em 2021, o PIB nominal do Brasil foi calculado em aproximadamente R$ 8,7 trilhões, com um avanço real de 4,6% em comparação ao ano anterior (IBGE, 2022). A balança comercial do país apresentou um superávit de US$ FOB 61.406.528.280: as exportações totalizaram US$ FOB 280.814.577.460 e as importações US$ FOB 219.408.049.180 (Comex Stat, 2025).

A Tabela 3 ilustra os resultados do comércio bilateral (exportações e importações) do Brasil no âmbito do BRICS no ano de 2021:

Tabela 3 - Valores em US$ FOB referentes ao total de exportações e importações realizadas entre o Brasil e os demais membros do BRICS em 2021 - Brasil, 2021

Países	Exportação - 2021 - Valor US$ FOB	Importação - 2021 - Valor US$ FOB
Rússia	1.587.205.423	5.698.759.353
Índia	4.799.018.415	6.728.421.314
China	87.907.887.856	47.650.945.510
África do Sul	1.186.757.417	1.003.072.173

Fonte: Comex Stat

Em 2021, os principais produtos exportados pelo Brasil para a Rússia foram a soja (US$ FOB 343.286.654), as carnes de aves e suas miudezas comestíveis (US$ FOB 167.164.904), o café não torrado (US$ FOB 132.823.877), os amendoins (US$ FOB 129.731.662), os açúcares e melaços (US$ FOB 126.984.511) e a carne bovina (US$ FOB 116.534.309). Foram importados da Rússia majoritariamente os adubos ou fertilizantes químicos, exceto fertilizantes brutos, (US$ FOB 3.531.261.528), o carvão, mesmo em pó, mas não aglomerado, (US$ FOB 480.141.324), os óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos, exceto óleos brutos, (US$ FOB 432.662.864), e os produtos semi-acabados, lingotes e outras formas primárias de ferro ou aço (US$ FOB 368.258.140) (Comex Stat, 2025).

Os produtos brasileiros mais exportados para a Índia foram os óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos, crus (US$ FOB 2.243.933.674), as gorduras e óleos vegetais, *soft*, brutos, refinados ou fracionados, (US$ FOB 779.675.982), e o ouro não monetário, excluindo minérios de ouro e seus concentrados, (US$ FOB 624.281.140). Entre os produtos importados da Índia pelo Brasil destacaram-se os óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos, exceto óleos brutos, (US$ FOB 1.354.305.413) os compostos organo-inorgânicos, compostos heterocíclicos, ácidos nucléicos e seus sais e sulfonamidas (US$ FOB 869.294.614), os inseticidas, rodenticidas, fungicidas, herbicidas, reguladores de crescimento para plantas, desinfetantes e semelhantes (US$ FOB 566.062.752), e medicamentos, incluindo veterinários (US$ FOB 403.728.913) (Comex Stat, 2025).

Em relação à China, os principais produtos exportados pelo Brasil foram o minério de ferro e seus concentrados (US$ FOB 28.841.240.921), a soja (US$ FOB 27.208.101.300),

os óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos, crus, (US$ FOB 14.252.234.905), a carne bovina (US$ FOB 3.906.640.730) e a celulose (US$ FOB 2.782.342.477). Os produtos chineses que o país mais importou foram os equipamentos de telecomunicações, incluindo peças e acessórios, (US$ FOB 4.898.279.102), as válvulas e tubos termiônicas de cátodo frio ou foto-cátodo, diodos e transistores (US$ FOB 3.879.401.877), os compostos organo-inorgânicos, compostos heterocíclicos, ácidos nucléicos e seus sais e sulfonamidas (US$ FOB 2.423.051.644), os adubos ou fertilizantes químicos, exceto fertilizantes brutos, (US$ FOB 2.078.737.829), os medicamentos e produtos farmacêuticos, exceto veterinários, (US$ FOB 1.769.893.208), as máquinas e aparelhos elétricos (US$ FOB 1.491.516.085), as peças e acessórios, exceto estojos, capas e semelhantes, para máquinas de processamento de dados ou máquinas de escritórios, (US$ FOB 1.343.189.469), os aparelhos elétricos para ligação, proteção ou conexão de circuitos (US$ FOB 1.107.503.750) e as máquinas de energia elétrica, exceto planta elétrica rotativa, e suas partes (US$ FOB 1.016.448.815) (Comex Stat, 2025).

O Brasil exportou para a África do Sul principalmente carnes de aves e suas miudezas comestíveis (US$ FOB 216.734.120) e veículos rodoviários (US$ FOB 129.624.386). Já os principais produtos importados do país africano foram a prata, platina e outros metais do grupo da platina (US$ FOB 363.434.679) e o alumínio (US$ FOB 290.489.658) (Comex Stat, 2025).

Em relação à atuação do NBD no Brasil no ano de 2021, o banco concedeu ao estado do Pará um empréstimo de US$ 153 milhões para o projeto Pará II – Transport Infrastructure for Regional Development. Localizado na região norte do país, o Pará é o segundo maior estado do Brasil em extensão territorial. No entanto, até 2021, apenas cerca de um terço de suas rodovias, tanto federais quanto estaduais, eram pavimentadas. Essa infraestrutura rodoviária deficiente dificultava a conectividade interna e externa do estado. Esse foi o contexto dos recursos disponibilizados pelo NBD, visando melhorar a condição das estradas e a logística em cinco regiões do estado, por meio da pavimentação de rodovias não asfaltadas. Assim, o NBD ajudaria a reestruturar 472 quilômetros de rodovias estaduais, construir três novas pontes e reformar 28 pontes de madeira existentes, conectando municípios e fortalecendo a integração dos centros econômicos e sociais, possibilitando maior desenvolvimento para o estado do Pará (NDB, 2022).

Já o município de Sorocaba, localizado no estado de São Paulo, vinha apresentando uma melhora nas condições socioeconômicas de seus habitantes. No entanto, o rápido crescimento econômico da região acabou impondo desafios, como o aumento dos custos e o

acesso inadequado ao transporte público, congestionamentos e maiores emissões de dióxido de carbono. Com o objetivo de promover mais qualidade de vida para sua população, foi firmada uma parceria entre o município de Sorocaba e o NBD para lidar com os desafios ligados à infraestrutura urbana. Em junho de 2021, o banco aprovou um empréstimo de US$ 40 milhões para o Sorocaba Mobility and Urban Development Project, voltado ao financiamento da construção e reparação de vias urbanas. Esperava-se que essas obras melhorassem a utilização das vias nas mais diversas condições climáticas, eliminando inundações e alagamentos, e trouxessem maior fluidez ao tráfego, permitindo que os veículos transitassem em velocidades mais altas (NDB, 2022).

2.7 Ano de 2022: O Início do Conflito entre Rússia e Ucrânia

Em 24 de fevereiro de 2022, o presidente russo Vladimir Putin autorizou o que ele chamou de "uma operação militar especial" na Ucrânia e, assim, suas tropas militares cruzaram a fronteira entre a Rússia e o território ucraniano, dando início ao maior conflito ocorrido na Europa desde a Segunda Guerra Mundial (UOL, 2023).

Segundo Khudaykulov, Khudaykulova e Yuanqiong (2022), imediatamente após a invasão, diversos países, em especial, os Estados Unidos e os do continente europeu, impuseram à Rússia as sanções econômicas mais severas já aplicadas a uma grande economia desde o fim da Guerra Fria. Essas sanções trariam impactos negativos não apenas para a economia russa, como também para países como os da UE. De acordo com Souza (2023), o Brasil se manteve neutro em meio às sanções impostas pelo Ocidente, evitando, assim que a sua indústria nacional, extremamente dependente dos fertilizantes importados da Rússia, sofresse grandes prejuízos.

No ano de 2022, o PIB nominal do Brasil atingiu a marca de mais de R$ 10 trilhões, com um crescimento real de 3,0% frente a 2021 (IBGE, 2024). A balança comercial do país contou com um superávit de US$ FOB 61.525.351.274: as exportações totalizaram US$ FOB 334.136.038.220 e as importações US$ FOB 272.610.686.946 (Comex Stat, 2025).

A Tabela 4 traz os resultados do ano de 2022 referentes às cooperações comerciais (exportações e importações) entre o Brasil e os demais componentes BRICS:

Tabela 4 - Valores em US$ FOB referentes ao total de exportações e importações realizadas entre o Brasil e os demais membros do BRICS em 2022 - Brasil, 2022

Países	Exportação - 2022 - Valor US$ FOB	Importação - 2022 - Valor US$ FOB
Rússia	1.959.195.743	7.853.002.061
Índia	6.301.513.662	8.850.184.730
China	89.427.761.284	60.743.964.876
África do Sul	1.724.159.853	907.881.966

Fonte: Comex Stat

No ano de 2022, o PIB nominal do Brasil atingiu a marca de mais de R$ 10 trilhões, com um crescimento real de 3,0% frente a 2021 (IBGE, 2024). A balança comercial do país contou com um superávit de US$ FOB 61.525.351.274: as exportações totalizaram US$ FOB 334.136.038.220 e as importações US$ FOB 272.610.686.946 (Comex Stat, 2025).

Em 2022, os produtos brasileiros mais exportados para a Rússia foram a soja (US$ FOB 874.778.674), os açúcares e melaços (US$ FOB 285.927.006), a carne bovina (US$ FOB 161.989.957), o café não torrado (US$ FOB 129.383.177), os amendoins (US$ FOB 108.953.484) e as carnes de aves e suas miudezas comestíveis (US$ FOB 80.723.746). O Brasil importou da Rússia mais adubos ou fertilizantes químicos, exceto fertilizantes brutos, (US$ FOB 5.607.834.486), óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos, exceto óleos brutos, (US$ FOB 1.106.877.558), carvão, mesmo em pó, mas não aglomerado, (US$ FOB 595.318.633) e trigo e centeio não moídos, (US$ FOB 98.882.489) (Comex Stat, 2025).

Em relação à Índia, o Brasil exportou principalmente gorduras e óleos vegetais, *soft*, brutos, refinados ou fracionados, (US$ FOB 2.356.554.403), óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos, crus, (US$ FOB 1.826.744.519), ouro não monetário, excluindo minérios de ouro e seus concentrados, (US$ FOB 801.777.405) e açúcares e melaços (US$ FOB 219.034.168). Já os principais produtos indianos importados foram os óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos, exceto óleos brutos, (US$ FOB 2.588.423.490), os compostos organo-inorgânicos, compostos heterocíclicos, ácidos nucléicos e seus sais, e sulfonamidas (US$ FOB 1.176.192.832), os inseticidas, rodenticidas, fungicidas,

herbicidas, reguladores de crescimento para plantas, desinfetantes e semelhantes (US$ FOB 677.868.431), os medicamentos, que incluem os veterinários, (US$ FOB 382.045.153), os compostos de função nitrogênio (US$ 338.543.786), o alumínio (US$ 229.186.008) e as partes de acessórios dos veículos automotivos (US$ 224.063.757) (Comex Stat, 2025).

Os produtos brasileiros mais exportados para a China foram a soja (US$ FOB 31.782.504.656), o minério de ferro e seus concentrados (US$ FOB 18.193.446.134), os óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos, crus, (US$ FOB 16.525.526.525), a carne bovina (US$ 7.950.311.880) e a celulose (US$ 3.328.895.579). Em relação às importações de produtos oriundos da China realizadas pelo Brasil, destacaram-se as a válvulas e tubos termiônicas de cátodo frio ou foto-cátodo, diodos e transistores (US$ FOB 6.974.659.354), os compostos organo-inorgânicos, compostos heterocíclicos, ácidos nucléicos e seus sais e sulfonamidas (US$ FOB 4.985.241.533), os equipamentos de telecomunicações, incluindo peças e acessórios (US$ FOB 4.141.304.058), os inseticidas, rodenticidas, fungicidas, herbicidas, reguladores de crescimento para plantas, desinfetantes e semelhantes (US$ FOB 2.954.833.304), e os adubos ou fertilizantes químicos, exceto fertilizantes brutos, (US$ FOB 2.378.760.649) (Comex Stat, 2025).

No que diz respeito à África do Sul, os principais produtos brasileiros exportados foram os óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos, exceto óleos brutos, (US$ FOB 269.846.560), as carnes de aves e suas miudezas comestíveis (US$ FOB 199.887.545) os veículos rodoviários (US$ FOB 123.309.943) o trigo e centeio não moídos (US$ FOB 104.788.557) e o zinco (US$ 84.842.817). Já os principais produtos do país importados pelo Brasil foram a prata, platina e outros metais do grupo da platina (US$ FOB 297.079.995), o carvão, mesmo em pó, mas não aglomerado, (US$ FOB 96.590.854), o alumínio (US$ FOB 93.326.513), as bombas, centrífugas, compressores de ar, ventiladores, exaustores, aparelhos de filtrar ou depurar e suas partes (US$ FOB 82.739.013) e outros minérios e concentrados dos metais de base (US$ FOB 69.447.949) (Comex Stat, 2025).

Segundo o Annual Report 2022 (NDB, 2023), O NBD aprovou, em março de 2022, um empréstimo no valor de US$ 90 milhões para o Desenvolve SP Sustainable Infrastructure Project, projeto focado em apoiar uma agência de fomento do estado de São Paulo, a Desenvolve SP (DSP). Os recursos foram direcionados a subprojetos relacionados às áreas de água e saneamento, desenvolvimento de infraestrutura urbana, energia renovável e eficiência energética, gestão e reciclagem de resíduos (NDB, 2023).

No mesmo ano, o banco também concedeu um empréstimo de US$ 50 milhões para o Fonplata Sustainable Infrastructure Project, em parceria com o Fundo Financeiro para

Desenvolvimento da Bacia do Prata (FONPLATA). Dessa forma, seriam financiados subprojetos de infraestrutura sustentável em diversos setores da economia de alguns municípios e estados do Brasil (NDB, 2023).

Visando dar um maior suporte aos investimentos relacionados à infraestrutura do agronegócio no Brasil, o NBD aprovou um empréstimo de US$ 200 milhões para o Banco do Brasil Sustainable Finance Project, com o valor sendo entregue ao Banco do Brasil, instituição que confere grande importância para o financiamento das atividades agroindustriais no país (NDB, 2023).

Para combater desafios referentes ao desenvolvimento urbano do estado de São Paulo, a Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (SABESP), empresa mais consolidada no que diz respeito ao fornecimento de água e tratamento de esgoto na região, criou o Programa de Investimentos da SABESP, com o objetivo de expandir a oferta desses serviços, além de promover mais sustentabilidade operacional e proteção ambiental. Em julho de 2022, o NBD concedeu um empréstimo de US$ 300 milhões para apoiar o programa (NDB, 2023).

O rápido e desorganizado crescimento populacional da capital do estado de Sergipe, Aracaju, gerou uma série de dificuldades relacionadas ao desenvolvimento do município, o que inclui o alcance insuficiente dos serviços de água e saneamento, o conjunto de estradas e rodovias mal conservadas, e os sistemas de drenagem ineficientes. Em dezembro de 2022, o NBD aprovou um empréstimo no valor de de US$ 84 milhões para financiar o programa Aracaju Cidade do Futuro, voltado para a implementação de sistemas de drenagem de águas pluviais e esgoto, a construção e recuperação de redes de canais de água, além da substituição do pavimento de cinco das principais avenidas da cidade (NDB, 2023).

A capital do estado do Amazonas, Manaus, também vinha experimentando desafios consequentes da rápida expansão urbana, entre eles, o aumento do número de moradias informais sem um sistema adequado de tratamento de água e esgoto no município. Para auxiliar no combate a essa falta de infraestrutura na região, o NBD concedeu um empréstimo de US$ 80 milhões à Manaus Ambiental S.A., uma empresa de tratamento de água e esgoto pertencente à Aegea Saneamento e Participações S.A., para financiar o programa Trata Bem Manaus (NDB, 2023).

2.8 Ano de 2023: Recorde Histórico nas Exportações Brasileiras para a China

Em 2023, o PIB nominal do Brasil fechou o ano em cerca de R$ 10,9 trilhões, avançando, em termos reais, 2,9% em relação a 2022 (IBGE, 2024). A balança comercial do país apresentou um superávit de US$ FOB 98.902.926.784: as exportações totalizaram US$

FOB 339.695.766.008 e as importações US$ FOB 240.792.839.224. O saldo positivo contou com o recorde de US$ FOB 104.324.811.805 exportados para a China, que se tornou o primeiro país a superar o valor de US$ FOB 100 bilhões em importações brasileiras (Comex Stat, 2025).

Na Tabela 5, podem ser observados os valores das importações e exportações realizadas pelo Brasil no comércio bilateral com os demais membros originais do BRICS:

Tabela 5 - Valores em US$ FOB referentes às exportações e importações realizadas entre o Brasil e os demais membros originais do BRICS em 2023 - Brasil, 2023

Países	Exportação - 2023 - Valor US$ FOB	Importação - 2023 - Valor US$ FOB
Rússia	1.343.313.932	10.012.627.611
Índia	4.686.024.342	6.873.149.275
China	104.324.811.805	53.175.757.148
África do Sul	1.642.492.859	577.115.632

Fonte: Comex Stat

Em 2023, o Brasil exportou para a Rússia principalmente soja (US$ FOB 612.596.572), carne bovina (US$ FOB 187.317.289), café não torrado (US$ FOB 130.798.597), amendoins (US$ FOB 124.601.862), e carnes de aves e suas miudezas comestíveis (US$ FOB 98.435.953). Já os principais produtos importados da Rússia pelo Brasil foram os óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos, exceto óleos brutos, (US$ FOB 5.262.899.139) e os os adubos ou fertilizantes químicos, exceto fertilizantes brutos, (US$ FOB 3.548.291.326) (ComexStat, 2025).

Os produtos brasileiros mais exportados para a Índia foram as gorduras e óleos vegetais, *soft*, brutos, refinados ou fracionados, (US$ FOB 1.282.403.150), os açúcares e melaços (US$ FOB 1.223.783.973) e os óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos, crus, (US$ FOB 625.113.386). Do lado das importações, a Índia forneceu ao Brasil principalmente compostos organo-inorgânicos, compostos heterocíclicos, ácidos nucléicos e seus sais e sulfonamidas (US$ FOB 1.094.196.008), óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos, exceto óleos brutos, (US$ FOB 872.977.656), inseticidas, rodenticidas, fungicidas, herbicidas, reguladores de crescimento para plantas, desinfetantes e semelhantes

(US$ FOB 537.386.717) e medicamentos, que incluem os veterinários, (US$ FOB 470.096.942) (Comex Stat, 2025).

Os principais produtos exportados pelo Brasil para a China foram a soja (US$ FOB 38.917.721.136), os óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos, crus, (US$ FOB 19.776.697.509), e o minério de ferro e seus concentrados (US$ FOB 19.678.182.875). O Brasil importou da China principalmente válvulas e tubos termiônicas de cátodo frio ou foto-cátodo, diodos e transistores (US$ FOB 5.422.306.658), equipamentos de telecomunicações, incluindo peças e acessórios (US$ FOB 3.189.920.701), compostos organo-inorgânicos, compostos heterocíclicos, ácidos nucléicos e seus sais e sulfonamidas (US$ FOB 2.553.536.031), adubos ou fertilizantes químicos, exceto fertilizantes brutos, (US$ FOB 1.633.090.812), inseticidas, rodenticidas, fungicidas, herbicidas, reguladores de crescimento para plantas, desinfetantes e semelhantes (US$ FOB 1.593.383.513) e máquinas e aparelhos elétricos (US$ 1.551.244.786) (Comex Stat, 2025).

Os produtos brasileiros mais exportados para a África do Sul foram os óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos, exceto óleos brutos, (US$ FOB 240.873.939) os veículos rodoviários (US$ FOB 218.415.392), as carnes de aves e suas miudezas comestíveis (US$ FOB 215.415.900) e o zinco (US$ FOB 96.140.792). Em relação aos produtos mais importados da África do Sul pelo Brasil, destacaram-se a prata, platina e outros metais do grupo da platina (US$ FOB 126.293.034), o carvão, mesmo em pó, mas não aglomerado, (US$ FOB 76.069.960), as bombas, centrífugas, compressores de ar, ventiladores, exaustores, aparelhos de filtrar ou depurar e suas partes (US$ FOB 67.614.891) e outros minérios e concentrados dos metais de base (US$ FOB 40.369.263) (Comex Stat, 2025).

De acordo com o Annual Report 2023, a liderança do NBD passou por uma transição importante em 2023. Em 24 de março, a ex-presidente do Brasil, Dilma Rousseff, foi escolhida por unanimidade pelo Conselho de Governadores para assumir o cargo de presidente do banco, tornando-se, assim, a primeira mulher a ocupar a posição (NDB, 2025).

Durante encontros com os líderes dos países-membros do NBD, a nova presidente enfatizou o compromisso do banco em ser um parceiro confiável no que diz respeito ao combate à pobreza, aos efeitos das mudanças climáticas, à desigualdade e à promoção do crescimento econômico inclusivo. Ela também apresentou oportunidades para ampliar o financiamento em moeda local e defendeu o multilateralismo entre os países do Sul Global (NDB, 2025).

Em 2023, o NBD obteve sucesso em um cenário marcado por incertezas macroeconômicas e geopolíticas. O banco acessou tanto os mercados internacionais quanto os domésticos, demonstrando sua capacidade de expandir seu balanço patrimonial e atingir seus principais objetivos estratégicos, o que aprimorou a percepção dos investidores sobre a instituição (NDB, 2025).

O NBD lançou, em 2023, seus primeiros títulos em ZAR no mercado de títulos da África do Sul, fazendo da modalidade a segunda moeda utilizada pelo banco na captação de recursos em moeda local de um país-membro do banco, depois do RMB. A instituição permaneceu atuando no mercado interbancário de títulos da China, e realizou uma emissão de títulos em RMB que totalizou RMB 8,5 bilhões, configurando a maior emissão de títulos panda por parte de um BMD. Ao final do ano, o NBD havia ampliado seu balanço patrimonial com ativos que totalizavam US$ 28,8 bilhões, dos quais US$ 18,8 bilhões eram referentes aos empréstimos já desembolsados (NDB, 2025).

Em 2023, o estado de Pernambuco detinha o menor nível de água disponível per capita entre as 27 unidades federativas do país. Mais da metade das residências localizadas no estado estavam expostas a um fornecimento de água não regularizado. Além disso, menos de um terço dos municípios contavam com sistemas de esgoto adequados. Nesse contexto, a Companhia Pernambucana de Saneamento (COMPESA), principal empresa responsável pelos serviços de abastecimento de água e saneamento de Pernambuco, implantou o Programa de Eficientização e Expansão do Saneamento no estado, com o objetivo de enfrentar o racionamento frequente de água, diminuir as perdas no sistema e ampliar a cobertura dos serviços para um maior número de pessoas. Em fevereiro de 2023, o NBD aprovou um empréstimo de até US$ 202 milhões para a COMPESA financiar o programa que atingiria 14 municípios que sofriam com as deficiências de infraestrutura no estado de Pernambuco (NDB, 2025).

A população do município de Aparecida de Goiânia, o segundo maior do estado de Goiás, cresceu mais de 200% nos últimos 30 anos. Essa rápida urbanização, combinada a uma grande quantidade de veículos em circulação, desencadeou altos níveis de congestionamento. Somado a isso, a escolarização da região também passou a representar uma dificuldade em razão da condição precária das instituições de ensino. Em julho de 2023, o NBD concedeu um empréstimo no valor de US$ 120 milhões para ajudar no financiamento do programa criado pela Prefeitura de Aparecida de Goiânia intitulado Aparecida 100 anos, formado por diversos elementos relacionados à infraestrutura de transporte e serviços sociais (NDB, 2025).

Com um vasto território, o estado de Minas Gerais vinha se deparando com altos índices de desigualdades socioeconômicas. Visando a promoção de um maior desenvolvimento social, econômico e financeiro, o Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais (BDMG) focava suas atividades na captação de recursos que seriam destinados ao auxílio de projetos importantes em áreas essenciais, como energia renovável, saneamento, agricultura, saúde e educação. Em dezembro de 2023, foi aprovado pelo NBD um empréstimo de US$ 200 milhões ao BDMG para apoiar, indiretamente, subprojetos que buscariam aprimorar essas infraestruturas inadequadas (NDB, 2025).

3. Metodologia

De acordo com Gil (2008), esta pesquisa classifica-se, quanto aos seus fins, como descritiva, já que busca analisar e caracterizar a criação do BRICS e do NBD. Além disso, o estudo examina os fluxos comerciais entre o Brasil e os demais membros originais do grupo (Rússia, Índia, China e África do Sul), o que inclui os principais produtos trocados entre eles, bem como a atuação do BMD criado pelo BRICS no Brasil, no período de 2019 a 2023, com foco na identificação de padrões, variações e possíveis implicações para o crescimento e o desenvolvimento da economia brasileira.

Conforme as definições de Marconi e Lakatos (2017), este trabalho foi desenvolvido a partir dos métodos de pesquisa bibliográfica e documental. É bibliográfica por se apoiar em materiais como livros, artigos científicos e matérias jornalísticas, entre os quais destaca-se a obra de Stuenkel (2017), que analisa o contexto estratégico que deu origem ao BRICS, em meio ao cenário econômico global da época. É documental por utilizar informações extraídas de registros oficiais, como os dos próprios BRICS e NBD, e do sistema/plataforma digital que existe dentro do site do governo brasileiro — o Comex Stat —, que foi utilizado para obter os dados referentes às importações e exportações do Brasil para com cada um dos outros membros grupo.

Quanto à abordagem, a pesquisa é mista (qualitativa e quantitativa). A parte qualitativa compreende a contextualização da fundação do BRICS e do NBD, e o potencial econômico e comercial de cada integrante do agrupamento. Já a parte quantitativa se concentra na análise numérica dos fluxos comerciais entre o Brasil e os demais componentes do BRICS, assim como das transações financeiras realizadas entre o NBD e o país.

Para a análise dos dados, serão utilizados métodos estatísticos simples e acessíveis, como as variações absolutas observadas entre 2019 e 2023, as variações percentuais anuais e a média dessas variações, aplicadas às exportações e importações totais e bilaterais do Brasil no âmbito original do BRICS e aos investimentos realizados pelo NBD no país durante o mesmo período. É importante destacar que as variações percentuais serão apresentadas em valores aproximados. Também será realizado o exame da composição dos principais produtos transacionados entre o Brasil e os demais membros do grupo, sempre com o objetivo de identificar tendências e padrões relevantes para a hipótese de que o BRICS contribui para o crescimento e o desenvolvimento econômico do Brasil. Será dada atenção especial à complementaridade produtiva existente, como a dependência brasileira dos fertilizantes importados da Rússia e o papel da China como principal destino das commodities brasileiras.

4. Análise dos Dados Coletados

Entre os anos de 2019 e 2023, observou-se uma variação absoluta de US$ FOB 43.111.599.544 no total das exportações brasileiras destinadas aos outros quatro membros originais do BRICS, o que corresponde a uma variação percentual de 62,58%. Em 2019, o total exportado foi de US$ FOB 68.885.043.394. No ano seguinte, 2020, apesar dos efeitos negativos que a pandemia de COVID-19 gerou para a economia e o comércio global, esse valor subiu para US$ FOB 73.185.578.829, representando uma variação de 6,24% em relação ao ano anterior. Já em 2021, as exportações totalizaram US$ FOB 95.480.869.111, com uma variação de 30,46% em relação a 2020. Em 2022, houve um novo aumento, alcançando US$ FOB 99.412.630.542, variação de 4,12% em relação a 2021. Por fim, em 2023, o valor exportado foi de US$ FOB 111.996.642.938, representando uma variação de 12,66% em relação a 2022. A média das variações percentuais entre os anos foi de 13,37%.

No que diz respeito às importações brasileiras oriundas dos outros quatro membros originais do BRICS, a variação absoluta entre 2019 e 2023 foi de US$ FOB 25.605.560.935, equivalente a uma variação percentual de 56,86%. Em 2019, o Brasil importou US$ FOB 45.033.088.731 desses países. Em 2020, o total caiu para US$ FOB 42.305.384.861, o que representou uma variação de -6,06% em relação a 2019. Em 2021, as importações aumentaram para US$ FOB 61.081.198.350, correspondendo a uma variação de 44,38% em comparação com 2020. Em 2022, as importações seguiram em alta, atingindo US$ FOB 78.355.033.633, variação de 28,28% em relação ao ano anterior. No entanto, em 2023, o total caiu para US$ FOB 70.638.649.666, registrando uma variação de -9,85% em relação a 2022. A média das variações percentuais entre os anos foi de 14,19%.

Entre 2019 e 2023, as exportações do Brasil que tinham como destino a Rússia apresentaram uma variação absoluta de US$ FOB US$ FOB -275.405.344, ou seja, uma variação percentual de -17,01%. É possível observar um comportamento que oscilou consideravelmente ao longo do período. Em 2019, o total exportado foi de US$ FOB 1.618.719.276. No ano seguinte, em 2020, esse valor caiu para US$ FOB 1.523.729.890, o que representa uma variação de -5,87% em relação ao ano anterior. Em 2021, houve uma leve recuperação, com as exportações totalizando US$ FOB 1.587.205.423, correspondendo a uma variação de 4,17% em comparação com o ano de 2020. Em 2022, ano em que se desencadeou o conflito militar entre Rússia e Ucrânia, o volume exportado aumentou de forma expressiva, atingindo US$ FOB 1.959.195.743, com uma variação de 23,44% frente a 2021. No entanto, em 2023, o valor exportado voltou a recuar, totalizando US$ FOB 1.343.313.932, o que equivale a uma queda de -31,44% em relação ao ano anterior. A média das variações

percentuais anuais nesse período foi de -2,42%, indicando uma tendência geral de instabilidade nas exportações para o mercado russo.

Quanto às importações brasileiras oriundas da Rússia, o comportamento foi distinto. Em 2019, o total importado foi de US$ FOB 3.715.806.864. Em 2020, esse valor caiu para US$ FOB 2.747.251.333, uma redução de -26,07% em comparação ao ano anterior. Já em 2021, o Brasil aumentou de maneira significativa suas compras da Rússia, com o total importado saltando para US$ FOB 5.698.759.353, o que representou uma variação expressiva de 107,43% em relação a 2020. Em 2022, mesmo com o início do conflito militar na Ucrânia, esse crescimento continuou, devido a grande dependência do Brasil sobre os insumos russos, em especial, os fertilizantes, essenciais para o funcionamento do agronegócio brasileiro, com as importações atingindo US$ FOB 7.853.002.061, o que registrou uma variação de 37,80% em relação ao ano anterior. Em 2023, as importações somaram US$ FOB 10.012.627.611, com um acréscimo de 27,50% em relação a 2022. A média das variações percentuais anuais no período foi de 36,67%, o que evidencia um crescimento acentuado e contínuo das importações brasileiras oriundas da Rússia no intervalo observado. No total, houve uma variação absoluta de US$ FOB 6.296.820.747 das importações brasileiras provenientes da Rússia entre 2019 e 2023, o que representa uma variação percentual marcante de 169,46%.

Em 2019, os produtos com os maiores volumes exportados pelo Brasil com destino à Rússia — soja (US$ FOB 354.785.511), carne bovina (US$ FOB 214.167.946), alumina (óxido de alumínio), exceto corindo artificial, (US$ FOB 126.795.006), e carnes de aves e suas miudezas comestíveis (US$ FOB 113.735.541) — totalizaram, em conjunto, US$ FOB 809.484.004, o que representa 50,01% do valor total das exportações. Já os produtos russos mais importados pelo Brasil — adubos ou fertilizantes químicos, exceto fertilizantes brutos, (US$ FOB 2.155.026.691), carvão, mesmo em pó, mas não aglomerado, (US$ FOB 301.887.942), alumínio (US$ FOB 248.799.249), plataformas, embarcações e outras estruturas flutuantes (US$ FOB 208.053.049), óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos, exceto óleos brutos, (US$ FOB 163.363.406), e prata, platina e outros metais do grupo da platina (US$ FOB 128.492.257) — somaram US$ FOB 3.205.622.594, 86,27% do total de importações.

Os principais produtos brasileiros exportados para a Rússia em 2020 — soja (US$ FOB 386.638.639), carne bovina (US$ FOB 184.835.978), amendoins (US$ FOB 117.427.776), café não torrado (US$ FOB 111.316.166), e carnes de aves e suas miudezas comestíveis (US$ FOB 108.767.390) — totalizaram US$ FOB 908.985.949, 59,66% de todas as exportações. Os produtos mais importados da Rússia pelo Brasil — adubos ou fertilizantes

químicos, exceto fertilizantes brutos, (US$ FOB 1.786.229.984), carvão, mesmo em pó, mas não aglomerado, (US$ FOB 240.509.187), alumínio (US$ FOB 171.482.440), e prata, platina e outros metais do grupo da platina (US$ FOB 100.548.181) — somaram US$ 2.298.769.792, correspondente a 83,68% do total de importações.

Em 2021, os principais produtos exportados pelo Brasil para a Rússia — soja (US$ FOB 343.286.654), carnes de aves e suas miudezas comestíveis (US$ FOB 167.164.904), café não torrado (US$ FOB 132.823.877), amendoins (US$ FOB 129.731.662), açúcares e melaços (US$ FOB 126.984.511) e carne bovina (US$ FOB 116.534.309) — totalizaram US$ FOB 1.016.525.917, representando 64,05% do total de exportações. Os produtos russos mais importados pelo Brasil — adubos ou fertilizantes químicos, exceto fertilizantes brutos, (US$ FOB 3.531.261.528), carvão, mesmo em pó, mas não aglomerado (US$ FOB 480.141.324), óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos, exceto óleos brutos, (US$ FOB 432.662.864), e produtos semi-acabados, lingotes e outras formas primárias de ferro ou aço (US$ FOB 368.258.140) — somaram US$ 4.812.323.856, 84,45% do total importado.

Em 2022, os produtos brasileiros que se destacaram em meio às exportações destinadas à Rússia — soja (US$ FOB 874.778.674), açúcares e melaços (US$ FOB 285.927.006), carne bovina (US$ FOB 161.989.957), café não torrado (US$ FOB 129.383.177), amendoins (US$ FOB 108.953.484) e carnes de aves e suas miudezas comestíveis (US$ FOB 80.723.746) — totalizaram US$ 1.641.756.044, o que corresponde a 83,80% do total exportado. Os principais produtos de origem russa importados pelo Brasil — adubos ou fertilizantes químicos, exceto fertilizantes brutos, (US$ FOB 5.607.834.486), óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos, exceto óleos brutos, (US$ FOB 1.106.877.558), carvão, mesmo em pó, mas não aglomerado, (US$ FOB 595.318.633) e trigo e centeio não moídos (US$ FOB 98.882.489) — somaram US$ FOB 7.408.913.166, representando 94,34% do total de importações.

Em 2023, os principais produtos exportados pelo Brasil para a Rússia — soja (US$ FOB 612.596.572), carne bovina (US$ FOB 187.317.289), café não torrado (US$ FOB 130.798.597), amendoins (US$ FOB 124.601.862), e carnes de aves e suas miudezas comestíveis (US$ FOB 98.435.953) — somaram US$ FOB 1.153.750.273, o que equivale a 85,89% do total de exportações. Já os principais produtos russos importados pelo Brasil — óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos, exceto óleos brutos, (US$ FOB 5.262.899.139) e adubos ou fertilizantes químicos, exceto fertilizantes brutos, (US$ FOB 3.548.291.326) — totalizaram US$ FOB 8.811.190.465, 88,01% de todas as importações.

Apesar do evidente desequilíbrio observado entre as exportações brasileiras destinadas à Rússia e as importações provenientes do maior país do mundo — com o Brasil apresentando um déficit comercial ao longo do período analisado —, esse cenário não deve ser interpretado como algo prejudicial para a economia do país. A diferença entre o que é exportado e o que é importado mostra, principalmente, a importância estratégica dessa relação bilateral.

O Brasil importa da Rússia, majoritariamente, insumos essenciais para o funcionamento da sua economia, em que se destacam os adubos e fertilizantes. Esses produtos são pilares essenciais para o setor agrícola. O agronegócio, que representa uma parcela mais que significativa do total do PIB e das exportações brasileiras, necessita da oferta contínua e acessível dessas mercadorias para conseguir, assim, sustentar sua produtividade e competitividade internacional. A Rússia, como o maior exportador desses insumos, cumpre um papel fundamental de fornecedor estratégico para o Brasil, que, por sua vez, destaca-se como o país responsável por exportar os maiores volumes de commodities do mundo.

Ademais, as importações de fontes energéticas russas, como o carvão e derivados de petróleo, também apresentam grande relevância outros setores industriais brasileiros que permanecem altamente dependentes desses recursos, tanto na condição de matéria-prima quanto como fonte de energia.

Por outro lado, os produtos mais exportados pelo Brasil para a Rússia, como soja, carne bovina, carnes de aves, café e açúcares, também conferem grande importância para o mercado consumidor e para a segurança alimentar russa. Em um cenário geopolítico internacional instável, em que sanções e restrições comerciais estão em vigor, o Brasil se apresenta como um parceiro confiável para o fornecimento de alimentos e commodities agrícolas, capaz de contribuir para a estabilidade socioeconômica da Rússia.

Nesse sentido, apesar do saldo negativo na balança comercial brasileira, a relação entre o Brasil e a Rússia é caracterizada por uma complementaridade econômica significativa, em que ambos os países podem se beneficiar de maneira estratégica: o Brasil garante o fornecimento de insumos indispensáveis ao seu agronegócio e à sua matriz energética, enquanto a Rússia assegura seu acesso a produtos alimentícios de alta demanda. Essa troca de recursos reforça a relação comercial entre os dois países e evidencia a importância de compreender essas trocas para além dos números absolutos.

Essa relação de interdependência econômica ajuda a compreender, também, a posição assumida pelo Brasil no contexto do conflito entre Rússia e Ucrânia. Diferentemente da postura adotada por países do Ocidente, que impuseram uma série de sanções econômicas

extremamente rígidas à Rússia como forma de retaliação, o Brasil optou por não aderir a essas sanções comerciais. Essa decisão está diretamente relacionada ao caráter estratégico e sensível das trocas comerciais entre os dois países.

Entre 2019 e 2023, as exportações brasileiras destinadas à Índia apresentaram uma variação absoluta de US$ 1.909.378.571, correspondendo a um crescimento percentual de 68,77%. Em 2019, o total exportado foi de US$ FOB 2.776.645.771. No ano seguinte, 2020, pôde ser observado um leve aumento, com as exportações totalizando US$ FOB 2.884.744.854, o que representa uma variação de 3,89% em relação ao ano anterior. Em 2021, as exportações brasileiras para a Índia registraram um salto expressivo, atingindo US$ FOB 4.799.018.415, um acréscimo de 66,36% em comparação com 2020. Esse crescimento continuou em 2022, embora em menor intensidade, com o volume exportado alcançando US$ FOB 6.301.513.662, o que representa uma variação de 31,31% frente a 2021. Já em 2023, observou-se uma diminuição nas exportações, que somaram US$ FOB 4.686.024.342, com uma queda de -25,64% em relação ao ano anterior. A média das variações percentuais ao longo do período foi de 18,98%.

No mesmo intervalo, as importações brasileiras oriundas da Índia também apresentaram variações significativas durante o mesmo período. A variação absoluta foi de US$ FOB 2.336.155.329, o que equivale a um crescimento percentual de 51,49%. Em 2019, o Brasil importou da Índia um total de US$ FOB 4.536.993.946. No ano seguinte, 2020, houve uma retração nas importações, que caíram para US$ FOB 4.167.453.691, representando uma variação negativa de -8,14% em relação a 2019. Em 2021, as importações voltaram a crescer, atingindo a marca de US$ FOB 6.728.421.314, com uma variação de 61,45% frente ao ano anterior. O crescimento continuou em 2022, alcançando US$ FOB 8.850.184.730, o que corresponde a um aumento de 31,53% em relação a 2021. No entanto, em 2023, as importações apresentaram uma queda, somando US$ FOB 6.873.149.275, com uma variação negativa de -22,34% comparada ao ano anterior. A média das variações percentuais das importações entre 2019 e 2023 foi de 15,62%.

Em 2019, os principais produtos brasileiros exportados para a Índia — óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos, crus, (US$ FOB 981.781.930), ouro não monetário, excluindo minérios de ouro e seus concentrados (US$ FOB 362.793.810), gorduras e óleos vegetais, *soft*, brutos, refinados ou fracionados, (US$ FOB 263.109.200) e açúcares e melaços (US$ FOB 230.261.634) — somaram US$ FOB 1.837.946.574, correspondendo a 66,19% do total de exportações. Em relação às importações, os produtos mais fornecidos ao Brasil pela Índia — compostos organo-inorgânicos, compostos heterocíclicos, ácidos nucléicos e seus

sais e sulfonamidas (US$ FOB 648.281.386), óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos, exceto óleos brutos, (US$ FOB 537.728.360), e inseticidas, rodenticidas, fungicidas, herbicidas, reguladores de crescimento para plantas, desinfetantes e semelhantes (US$ FOB 411.427.025) — totalizaram US$ FOB 1.597.436.771, o que representa 35,21% de todas as importações.

Em 2020, os produtos brasileiros mais exportados para a Índia — óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos, crus, (US$ FOB 1.224.302.299), açúcares e melaços (US$ FOB 482.564.701), gorduras e óleos vegetais, *soft*, brutos, refinados ou fracionados, (US$ FOB 247.354.657) e ouro não monetário, excluindo minérios de ouro e seus concentrados, (US$ FOB 234.423.700) — somaram US$ FOB 2.188.645.357, correspondendo a 75,87% do total exportado. Já os principais produtos indianos importados pelo Brasil — compostos organo-inorgânicos, compostos heterocíclicos, ácidos nucléicos e seus sais, e sulfonamidas (US$ FOB 757.858.192) e inseticidas, rodenticidas, fungicidas, herbicidas, reguladores de crescimento para plantas, desinfetantes e semelhantes (US$ FOB 462.186.676) — totalizaram US$ FOB 1.220.044.868, 29,28% do total de importações.

Em 2021, os produtos que o Brasil mais exportou para a Índia — óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos, crus, (US$ FOB 2.243.933.674), gorduras e óleos vegetais, *soft*, brutos, refinados ou fracionados, (US$ FOB 779.675.982) e ouro não monetário, excluindo minérios de ouro e seus concentrados, (US$ FOB 624.281.140) — somaram US$ FOB 3.647.890.796, o que representa 76,01 % do total exportado. Os produtos indianos que se destacaram em meio às importações do Brasil — óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos, exceto óleos brutos, (US$ FOB 1.354.305.413), compostos organo-inorgânicos, compostos heterocíclicos, ácidos nucléicos e seus sais e sulfonamidas (US$ FOB 869.294.614), inseticidas, rodenticidas, fungicidas, herbicidas, reguladores de crescimento para plantas, desinfetantes e semelhantes (US$ FOB 566.062.752) e medicamentos, incluindo veterinários, (US$ FOB 403.728.913) — totalizaram US$ FOB 3.193.391.692, correspondendo a 47,46% de todas as importações.

Em 2022, os principais produtos brasileiros exportados para a Índia — gorduras e óleos vegetais, *soft*, brutos, refinados ou fracionados, (US$ FOB 2.356.554.403), óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos, crus, (US$ FOB 1.826.744.519), ouro não monetário, excluindo minérios de ouro e seus concentrados, (US$ FOB 801.777.405) e açúcares e melaços (US$ FOB 219.034.168) — totalizaram US$ FOB 5.204.110.495, 82,59% de todas as exportações. Os produtos indianos mais importados pelo Brasil — óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos, exceto óleos brutos, (US$ FOB

2.588.423.490), compostos organo-inorgânicos, compostos heterocíclicos, ácidos nucléicos e seus sais e sulfonamidas (US$ FOB 1.176.192.832), inseticidas, rodenticidas, fungicidas, herbicidas, reguladores de crescimento para plantas, desinfetantes e semelhantes (US$ FOB 677.868.431), medicamentos, que incluem os veterinários, (US$ FOB 382.045.153), compostos de função nitrogênio (US$ FOB 338.543.786), alumínio (US$ FOB 229.186.008) e partes de acessórios dos veículos automotivos (US$ 224.063.757) — somaram US$ FOB 5.616.323.457, 63,46% do total de importações.

Em 2023, os produtos brasileiros que se destacaram em meio às exportações com destino à Índia — gorduras e óleos vegetais, *soft*, brutos, refinados ou fracionados (US$ FOB 1.282.403.150), açúcares e melaços (US$ FOB 1.223.783.973) e óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos, crus, (US$ FOB 625.113.386) — totalizaram US$ FOB 3.131.300.509, representando 66,82% do total de exportações. Do lado das importações, os principais produtos fornecidos pela Índia ao Brasil — compostos organo-inorgânicos, compostos heterocíclicos, ácidos nucléicos e seus sais e sulfonamidas (US$ FOB 1.094.196.008), óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos, exceto óleos brutos, (US$ FOB 872.977.656), inseticidas, rodenticidas, fungicidas, herbicidas, reguladores de crescimento para plantas, desinfetantes e semelhantes (US$ FOB 537.386.717) e medicamentos, que incluem os veterinários, (US$ FOB 470.096.942) — somaram US$ FOB 2.974.657.323, o que corresponde a 43,28% do total importado.

A relação econômica e comercial entre Brasil e a Índia tem se intensificado bastante nos últimos tempos, com os países passando a ocupar posições mais relevantes no cenário global como economias emergentes. O comércio bilateral entre os dois países vem apresentando crescimento significativo, tanto em termos de volume quanto em diversidade de produtos trocados. A Índia está se tornando um parceiro estratégico importante para a economia brasileira, não apenas devido ao aumento do fluxo comercial, mas também pela complementaridade entre as estruturas produtivas das duas nações, o que possibilita uma relação que gera benefícios mútuos, mesmo diante de um saldo comercial deficitário para o lado brasileiro.

Assim como o caso da Rússia, é evidente que o Brasil importa mais do que importa da Índia, mas isso não significa, necessariamente, uma desvantagem. As importações brasileiras são compostas especialmente por produtos de alto valor agregado, como medicamentos, insumos farmacêuticos, compostos químicos, agrotóxicos e combustíveis refinados, cruciais para o funcionamento de setores relevantes dentro da economia nacional, como o agronegócio, a indústria química e a área da saúde. Ao importar esses produtos, o

Brasil abastece suas cadeias produtivas com matérias-primas e tecnologias que não são produzidas internamente com a mesma escala ou eficiência, garantindo, assim, competitividade e funcionalidade a diversos segmentos industriais.

Por outro lado, os principais produtos exportados pelo Brasil à Índia, como óleos brutos de petróleo, soja, açúcar, minério de ferro, gorduras e óleos vegetais, são fundamentais para sustentar o ritmo de crescimento econômico indiano, fortalecendo setores como os de energia, siderurgia e agroindústria. A Índia, com sua crescente demanda por alimentos (devido ao fato de ter se tornado um país altamente populoso) combustíveis e matérias-primas, enxerga o Brasil como um parceiro que detém grande capacidade produtiva. Dessa forma, mesmo diante de um déficit comercial, o comércio entre os dois países é capaz de promover benefícios econômicos estruturais ao conectar suas especializações produtivas e consolidar a interdependência comercial em áreas críticas para o desenvolvimento de ambas as nações.

Entre 2019 e 2023, as exportações brasileiras destinadas à China apresentaram uma variação absoluta de US$ FOB 40.967.288.656, o que representa um aumento percentual de 64.66% no período. Em 2019, o total exportado foi de US$ FOB 63.357.523.149. No ano seguinte, em 2020, esse valor subiu para US$ FOB 67.788.075.211, representando uma variação de 6,99% em relação ao ano anterior. Em 2021, as exportações atingiram US$ FOB 87.907.887.856, com uma variação de 29,68% em comparação com 2020. Em 2022, o valor foi de US$ FOB 89.427.761.284, o que corresponde a um crescimento de 1,73% em relação a 2021. Já em 2023, as exportações brasileiras para a China atingiram a marca histórica de US$ FOB 104.324.811.805, com uma variação de 16,66% em relação ao ano anterior. A média das variações percentuais anuais ao longo do período foi de 13,77%.

Em relação às importações brasileiras advindas da China, observou-se uma variação absoluta de US$ FOB 17.147.460.144 entre 2019 e 2023, equivalente a um aumento percentual de 47,59%. Em 2019, o total importado foi de US$ FOB 36.028.297.004. Em 2020, esse número caiu para US$ FOB 34.778.441.387, registrando uma variação de -3,47% em relação ao ano anterior. Em 2021, as importações aumentaram significativamente, alcançando US$ FOB 47.650.945.510, o que representa uma variação de 37,01% comparado a 2020. Em 2022, o valor subiu novamente para US$ FOB 60.743.964.876, com uma variação de 27,48% frente a 2021. No entanto, em 2023, houve uma queda, com as importações totalizando US$ FOB 53.175.757.148, representando uma variação de -12,46% em relação ao ano anterior. A média das variações percentuais anuais das importações no período foi de 12,14%.

Em 2019, os produtos mais exportados pelo Brasil com destino à China — soja (US$ FOB 20.452.339.452), óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos, crus, (US$ FOB 15.480.473.967), minério de ferro e seus concentrados (US$ FOB 13.526.607.537), celulose (US$ FOB 3.250.159.179), carne bovina (US$ FOB 2.685.450.096), carnes de aves e suas miudezas comestíveis (US$ FOB 1.238.473.960) e ferro-gusa, spiegel, ferro-esponja, grânulos e pó de ferro ou aço e ferro-ligas (US$ FOB 1.185.826.531) — somaram US$ FOB 57.819.330.722, o que representa 91,26% do total de exportações. Já os principais produtos chineses importados pelo Brasil — equipamentos de telecomunicações, incluindo peças e acessórios, (US$ FOB 4.166.766.504), válvulas e tubos termiônicas de cátodo frio ou foto-cátodo, diodos, e transistores (US$ FOB 2.220.896.788) e plataformas, embarcações e outras estruturas flutuantes (US$ FOB 2.115.688.933) — totalizaram US$ FOB 8.503.352.225, 23,6% de todas as importações.

Em 2020, os principais produtos exportados pelo Brasil para a China — soja (US$ FOB 20.903.176.750), minério de ferro e seus concentrados (US$ FOB 18.513.325.261), óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos, crus, (US$ FOB 11.345.919.040), carne bovina (US$ FOB 4.037.512.099), celulose (US$ FOB 2.871.113.102), ferro-gusa, spiegel, ferro-esponja, grânulos e pó de ferro ou aço e ferro-ligas (US$ 1.633.683.514), açúcares e melaços (US$ FOB 1.290.910.694), carnes de aves e suas miudezas comestíveis (US$ FOB 1.269.326.010), carne suína (US$ FOB 1.231.060.695) e algodão em bruto (US$ FOB 1.016.738.483) — totalizaram US$ FOB 64.112.765.648, o que corresponde a 94,58% do total de exportações. Em relação às importações, os produtos chineses que se destacaram — equipamentos de telecomunicações, incluindo peças e acessórios, (US$ FOB 4.387.514.690), válvulas e tubos termiônicas de cátodo frio ou foto-cátodo, diodos e transistores (US$ FOB 2.172.694.495), plataformas, embarcações e outras estruturas flutuantes (US$ FOB 1.892.389.900), compostos organo-inorgânicos, compostos heterocíclicos, ácidos nucléicos e seus sais e sulfonamidas (US$ FOB 1.736.336.073) e máquinas e aparelhos elétricos (US$ FOB 1.176.902.218) — totalizaram US$ FOB 11.365.837.376, 32,68% do total importado.

Em 2021, os principais produtos exportados pelo Brasil com destino à China — minério de ferro e seus concentrados (US$ FOB 28.841.240.921), soja (US$ FOB 27.208.101.300), óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos, crus, (US$ FOB 14.252.234.905), carne bovina (US$ FOB 3.906.640.730) e celulose (US$ FOB 2.782.342.477) — somaram US$ FOB 76.990.560.333, o que compreende 87,58% do total de exportações. Já os produtos chineses que o Brasil mais importou — equipamentos de telecomunicações, incluindo peças e acessórios, (US$ FOB 4.898.279.102), válvulas e tubos

termiônicas de cátodo frio ou foto-cátodo, diodos e transistores (US$ FOB 3.879.401.877), compostos organo-inorgânicos, compostos heterocíclicos, ácidos nucléicos e seus sais e sulfonamidas (US$ FOB 2.423.051.644), adubos ou fertilizantes químicos, exceto fertilizantes brutos, (US$ FOB 2.078.737.829), medicamentos e produtos farmacêuticos, exceto veterinários, (US$ FOB 1.769.893.208), máquinas e aparelhos elétricos (US$ FOB 1.491.516.085), peças e acessórios, exceto estojos, capas e semelhantes, para as máquinas de processamento de dados ou máquinas de escritórios (US$ FOB 1.343.189.469), aparelhos elétricos para ligação, proteção ou conexão de circuitos (US$ FOB 1.107.503.750) e máquinas de energia elétrica, exceto planta elétrica rotativa, e suas partes (US$ FOB 1.016.448.815) — totalizaram US$ FOB 20.008.021.779, 41,99% do total de importações.

Em 2022, os produtos brasileiros que se destacaram em meio às exportações para a China — soja (US$ FOB 31.782.504.656), minério de ferro e seus concentrados (US$ FOB 18.193.446.134), óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos, crus, (US$ FOB 16.525.526.525), carne bovina (US$ FOB 7.950.311.880) e celulose (US$ FOB 3.328.895.579) — totalizaram US$ FOB 77.780.684.774, o que compreende 86,98% do total exportado. Em relação aos produtos que se destacaram entre as importações oriundas da China realizadas pelo Brasil — válvulas e tubos termiônicas de cátodo frio ou foto-cátodo, diodos e transistores (US$ FOB 6.974.659.354), compostos organo-inorgânicos, compostos heterocíclicos, ácidos nucléicos e seus sais e sulfonamidas (US$ FOB 4.985.241.533), equipamentos de telecomunicações, incluindo peças e acessórios, (US$ FOB 4.141.304.058), inseticidas, rodenticidas, fungicidas, herbicidas, reguladores de crescimento para plantas, desinfetantes e semelhantes (US$ FOB 2.954.833.304) e adubos ou fertilizantes químicos, exceto fertilizantes brutos, (US$ FOB 2.378.760.649) — eles somaram US$ 21.434.798.898, representando 35,29% do total importado.

Em 2023, os principais produtos exportados pelo Brasil com destino à China — soja (US$ FOB 38.917.721.136), óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos, crus, (US$ FOB 19.776.697.509) e minério de ferro e seus concentrados (US$ FOB 19.678.182.875) — totalizaram US$ FOB 78.372.601.520, o que compreende 75,12% do total de exportações. Os produtos que se destacaram em meio às importações do Brasil advindas da China — válvulas e tubos termiônicas de cátodo frio ou foto-cátodo, diodos e transistores (US$ FOB 5.422.306.658), equipamentos de telecomunicações, incluindo peças e acessórios, (US$ FOB 3.189.920.701), compostos organo-inorgânicos, compostos heterocíclicos, ácidos nucléicos e seus sais e sulfonamidas (US$ FOB 2.553.536.031), adubos ou fertilizantes químicos, exceto fertilizantes brutos, (US$ FOB 1.633.090.812), inseticidas, rodenticidas, fungicidas,

herbicidas, reguladores de crescimento para plantas, desinfetantes e semelhantes (US$ FOB 1.593.383.513) e máquinas e aparelhos elétricos (US$ 1.551.244.786) — somaram US$ FOB 15.943.482.501, 29,98% do total importado.

As relações comerciais entre Brasil e China são marcadas por uma importante e clara complementaridade econômica. Enquanto o Brasil é uma referência em termos de exportação de produtos primários, com destaque para a soja, o minério de ferro, o petróleo e carnes — bens essenciais para a garantia da segurança alimentar, da produção industrial e do abastecimento energético da China —, o país asiático, por sua vez, exporta principalmente produtos manufaturados e insumos industriais, como equipamentos de telecomunicação, produtos eletrônicos, componentes químicos e máquinas, essenciais para diversos setores da economia brasileira, como a indústria, a agropecuária e os serviços.

Essa dinâmica de trocas tão bem ajustada entre os dois países tem contribuído para o fortalecimento contínuo de seus laços comerciais bilaterais. A China ocupa, desde 2009, o posto de principal parceiro do Brasil no que diz respeito ao comércio internacional, o que enfatiza a relevância desse intercâmbio de produtos brasileiros e chineses. Entretanto, esse cenário também traz algumas preocupações razoáveis. Muitos economistas e representantes do governo brasileiro sinalizam para uma crescente dependência do Brasil em relação ao mercado chinês, particularmente no âmbito das exportações. A concentração de vendas externas em um número reduzido de produtos direcionadas à um único destino aumenta a vulnerabilidade da economia do Brasil diante de eventuais oscilações na demanda chinesa, alterações no cenário político ou tensões comerciais e crises econômicas.

A pandemia de COVID-19 revelou algumas dessas fragilidades. Em 2020, as importações brasileiras vindas da China apresentaram uma queda, não tão brusca, mas ainda assim, apontando uma desaceleração em relação ao ano anterior. Essa diminuição foi associada aos efeitos negativos da crise sanitária global, que exerceu um impacto considerável nas cadeias de produção, no transporte e no consumo. Apesar disso, as exportações do Brasil para a China se mantiveram fortes durante o período, destacando seu papel estratégico do país como um indispensável fornecedor de alimentos e matérias-primas para o país asiático.

Em suma, a relação entre Brasil e China é claramente benéfica para ambos os lados: garante à China insumos essenciais, e, ao Brasil, a inserção de bens industrializados e tecnológicos ao seu mercado interno.

Entre 2019 e 2023, as exportações do Brasil destinadas à África do Sul apresentaram uma variação absoluta de US$ FOB 510.337.661, o que corresponde a uma variação percentual de 45,08%. Em 2019, o total exportado foi de US$ FOB 1.132.155.198. No ano

seguinte, em 2020, houve uma queda para US$ FOB 989.028.874, representando uma variação de -12,64% em relação ao ano anterior. Em 2021, observou-se um aumento nas exportações, que atingiram US$ FOB 1.186.757.417, com variação de 19,99% em relação a 2020. Em 2022, o crescimento se intensificou, com exportações totalizando US$ FOB 1.724.159.853, um aumento de 45,28% em relação a 2021. Já em 2023, houve uma leve retração, com exportações de US$ FOB 1.642.492.859, o que representa uma variação de -4,74% em comparação ao ano anterior. A média das variações percentuais entre os anos foi de 11,97%.

No que se refere às importações brasileiras oriundas da África do Sul no mesmo período, observou-se uma variação absoluta de US$ FOB -174.875.285, equivalente a uma variação percentual de -23,25%. Em 2019, as importações somaram US$ FOB 751.990.917. Em 2020, houve uma queda para US$ FOB 612.238.450, com variação de -18,58% em relação a 2019. Já em 2021, as importações aumentaram significativamente, totalizando US$ FOB 1.003.072.173, com variação de 63,84% em relação ao ano anterior. Em 2022, foi registrada mais uma retração, com importações de US$ FOB 907.881.966, correspondendo a uma variação de -9,49% em relação a 2021. Em 2023, o valor caiu ainda mais, atingindo US$ FOB 577.115.632, com variação de -36,43% em relação a 2022. A média das variações percentuais entre os anos foi de -0,17%.

Em 2019, os principais produtos que o Brasil exportou para a África do Sul — carnes de aves e suas miudezas comestíveis (US$ FOB 174.222.675) e veículos rodoviários (US$ FOB 149.041.714 — somaram US$ FOB 323.264.389, o que compreende 28,55% de todas as exportações. No que se refere às maiores importações de produtos sul-africanos realizadas pelo Brasil — prata, platina e outros metais do grupo da platina (US$ FOB 233.101.374) e alumínio (US$ FOB 110.170.470) — ,elas totalizaram US$ FOB 343.271.844, 56.07% do total importado.

Em 2020, os produtos brasileiros mais exportados para a África do Sul — carnes de aves e suas miudezas comestíveis (US$ FOB 124.443.578), óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos, crus, (US$ FOB 81.434.865), e veículos rodoviários (US$ FOB 77.325.917) — totalizaram US$ FOB 283.204.360, representando 28,63% de todas as exportações. Já os principais produtos importados pelo Brasil da África do Sul — prata, platina e outros metais do grupo da platina (US$ FOB 297.075.013), alumínio (US$ FOB 58.589.006) e inseticidas, rodenticidas, fungicidas, herbicidas, reguladores de crescimento para plantas, desinfetantes e semelhantes (US$ FOB 51.858.459) — somaram US$ FOB 407.522.478, o que compreende 66,56% do total importado.

Em 2021, os principais produtos exportados pelo Brasil para a África do Sul — carnes de aves e suas miudezas comestíveis (US$ FOB 216.734.120) e veículos rodoviários (US$ FOB 129.624.386) — totalizaram US$ FOB 346.358.506, 29,19% do total de exportações. Já os principais produtos importados pelo Brasil do país africano — prata, platina e outros metais do grupo da platina (US$ FOB 363.434.679) e alumínio (US$ FOB 290.489.658) — somaram US$ FOB 653.924.337, representando 65,19% das importações totais.

Em 2022, os produtos brasileiros que se destacaram em meio às exportações com destino à África do Sul — óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos, exceto óleos brutos, (US$ FOB 269.846.560), carnes de aves e suas miudezas comestíveis (US$ FOB 199.887.545), veículos rodoviários (US$ FOB 123.309.943), trigo e centeio não moídos (US$ FOB 104.788.557) e zinco (US$ 84.842.817) — somaram US$ FOB 782.675.422, o que compreende 45,38% do total exportado. Os principais produtos importados pelo Brasil da África do Sul — prata, platina e outros metais do grupo da platina (US$ FOB 297.079.995), carvão, mesmo em pó, mas não aglomerado, (US$ FOB 96.590.854), alumínio (US$ FOB 93.326.513), bombas, centrífugas, compressores de ar, ventiladores, exaustores, aparelhos de filtrar ou depurar e suas partes (US$ FOB 82.739.013) e outros minérios e concentrados dos metais de base (US$ FOB 69.447.949) — totalizaram US$ FOB 639.184.324, 70,40% de todas as importações.

Em 2023, os produtos que o Brasil mais exportou para a África do Sul — óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos, exceto óleos brutos, (US$ FOB 240.873.939) veículos rodoviários (US$ FOB 218.415.392), carnes de aves e suas miudezas comestíveis (US$ FOB 215.415.900) e zinco (US$ FOB 96.140.792) — somaram US$ FOB 770.846.023, compreendendo 46,93% do total das exportações. Os principais produtos sul-africanos importados pelo Brasil — prata, platina e outros metais do grupo da platina (US$ FOB 126.293.034), carvão, mesmo em pó, mas não aglomerado, (US$ FOB 76.069.960), bombas, centrífugas, compressores de ar, ventiladores, exaustores, aparelhos de filtrar ou depurar e suas partes (US$ FOB 67.614.891) e outros minérios e concentrados dos metais de base (US$ FOB 40.369.263) — totalizaram US$ 310.347.148, o que representa 53,78% do total importado.

A relação entre Brasil e África do Sul no âmbito do BRICS tem um peso mais simbólico do que efetivamente estratégico no que se refere ao comércio bilateral. A adesão da África do Sul ao grupo foi motivada por um esforço de representatividade geográfica, garantindo ao BRICS a presença de um país localizado no continente africano em sua

composição. Nesse sentido, a África do Sul, por ser a maior economia da África, assumiu o papel de porta-voz regional, ainda que seu peso econômico seja evidentemente inferior ao dos demais membros que compõem a aliança.

Do ponto de vista comercial, a relação entre Brasil e África do Sul é relativamente modesta. Apesar de, em geral, o Brasil registrar superávits na balança comercial com o país africano, o volume total das trocas permanece discreto quando comparado ao comércio brasileiro com países de grande potencial econômico e comercial como China, Índia e Rússia. No entanto, esse fato não impede que os produtos comercializados entre os dois países tenham relevância para setores específicos de suas economias. O Brasil exporta para a África do Sul itens como veículos automotores, máquinas e equipamentos, açúcar e carne bovina, que são importantes para a indústria e o consumo sul-africano. Em contrapartida, importa produtos como carvão mineral, platina, alumínio e outros insumos elementares para sua cadeia produtiva.

Apesar da pouca expressividade em termos de volume, essa relação bilateral reforça o princípio de interação entre economias em desenvolvimento e reforça a ideia de cooperação entre países do Sul Global que sustenta a atuação do BRICS. A complementaridade entre os produtos comercializados indica que, mesmo de forma reduzida, o intercâmbio pode trazer benefícios tanto para o Brasil quanto para a África do Sul.

Já a atuação do NBD entre 2019 e 2023 confirmou que o banco vem cumprindo com o compromisso de auxiliar seus países-membros a alcançar um maior desenvolvimento, com foco nos princípios de sustentabilidade. A análise relacionada às interações entre o Brasil e o BMD no período mostrou que diversos municípios brasileiros, em diferentes regiões do país, já contaram com recursos disponibilizados pelo banco.

Foram aprovados pelo NBD três investimentos no Brasil no ano de 2019: o Fundo Clima – Brazil National Climate Fund Project (US$ 500 milhões), o North Region Transportation Infrastructure Improvement Project (US$ 300 milhões) e o Patria Infrastructure Fund IV (US$ 100 milhões). Juntos, eles totalizaram US$ 900 milhões.

Em 2020, o BMD criado pelo BRICS aprovou mais seis investimentos no país, que incluíam dois auxílios ao combate à COVID-19: o Brasil Emergency Assistance Programme in Combating COVID-19 e o Brazil Emergency Assistance Programme for Economic Recovery, cada um com um volume de US$ 1 bilhão. Os outros quatro financiamentos foram destinados aos projetos Teresina Educational Infrastructure Programme (US$ 50 milhões), BNDES-NDB Sustainable Infrastructure Project (US$ 1,2 bilhão), BRDE Urban, Rural and Social Infrastructure Programme to Achieve the SDGs (US$ 135 milhões) e Curitiba’s Bus

Rapid Transit Rideability Improvement Project (US$ 75 milhões), que somaram US$ 3,46 bilhões, uma variação de 284,44% em relação às aprovações de 2019.

Em 2021, o NBD aprovou poucos investimentos — total de dez — (NDB, 2022), e apenas dois foram destinados ao Brasil. Os projetos aprovados no país foram: o Pará II – Transport Infrastructure for Regional Development (US$ 153 milhões) e o Sorocaba Mobility and Urban Development Project (US$ 40 milhões) que, somados, totalizaram US$ 193 milhões (variação de -94,42% em relação a 2020).

No ano de 2022, o BMD do BRICS aprovou seis operações no Brasil para financiar os projetos Desenvolve SP Sustainable Infrastructure Project (US$ 90 milhões), FONPLATA Sustainable Infrastructure Project (US$ 50 milhões), Banco do Brasil Sustainable Finance Project (US$ 200 milhões), SABESP Investment Programme (US$ 300 milhões), Urban and Sustainable Infrastructure Programme – Aracaju City of the Future (US$ 84 milhões) e Water and Wastewater Services Expansion Project in Manaus (US$ 80 milhões), que somaram US$ 804 milhões, apresentando um volume 316,58% maior que o das aprovações totais de 2021.

Em 2023, o Brasil contou com três financiamentos do NBD. Os recursos foram voltados aos projetos Pernambuco Water and Sanitation Efficiency and Expansion Project (US$ 202 milhões), Aparecida de Goiânia 100 Years' Infrastructure Programme (US$ 120 milhões) e BDMG Infrastructure and Sustainable Development Project (US$ 200 milhões), que totalizaram US$ 522 milhões investidos no país. Entretanto, a variação percentual em relação a 2022 foi de -35,07%. A média das variações anuais, entre 2019 e 2023, foi de 117,88%, enquanto a variação absoluta foi de US$ -378 milhões (variação percentual de -42,0%).

Entre 2019 e 2023, O NBD também honrou a promessa de não utilizar somente o dólar estadunidense nas suas transações. Apesar de o BMD não ter realizado nenhuma operação em real, a utilização de outras moedas, como o renminbi e o rand sul-africano, indicam que existe uma grande chance de a moeda brasileira também passar a ser utilizada em algum momento.

5. Conclusão

A inserção do Brasil no BRICS representa uma oportunidade concreta de fortalecimento econômico e diversificação de parcerias estratégicas. A partir da análise dos dados, conclui-se que, embora a relação com a China seja nitidamente muito mais expressiva em termos de volume comercial, as importações advindas da Rússia e da Índia exercem, também, um papel essencial para setores-chave da economia brasileira. A dependência do Brasil sobre os fertilizantes russos, por exemplo, é um fator crítico, dada a sua importância para o funcionamento do agronegócio no país. Sem esses insumos, a competitividade e a produtividade do setor seriam severamente comprometidas, o que justifica a escolha do Brasil de não deixar de importar grandes volumes desses produtos após o início do conflito militar entre Rússia e Ucrânia. A Índia, por sua vez, também se destaca como fornecedora de produtos estratégicos capazes de impulsionar a atividade econômica brasileira. Para além do comércio, destaca-se o acesso do Brasil aos recursos disponibilizados pelo NBD voltados ao financiamento de projetos de infraestrutura e desenvolvimento sustentável e ao auxílio financeiro em meio a crises econômicas de alcance global, como a ocasionada pela pandemia de COVID-19. Assim, mesmo diante de assimetrias, crises e tensões geopolíticas, a participação do Brasil no BRICS revela-se relevante para seu crescimento e desenvolvimento econômico.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Jr., P., N. Brics – Novo Banco de Desenvolvimento. Estudos Avançados. Vol. 30, n. 88, p. 179-184, 2016. Disponível em: v. 30 n. 88 (2016) | Estudos Avançados . Acesso em: Acesso em: 27 jun. 2025.

BRASIL, Presidência da República. Afinal, o que é o BRICS? 2025. Disponível em: https://www.gov.br/planalto/pt-br/agenda-internacional/brics/afinal-o-que-e-o-brics . Acesso em: 27 jun. 2025.

BRICS (Brasil). Cúpulas anteriores do BRICS. 2024. Disponível em: Cúpulas anteriores do BRICS . Acesso em: 27 jun. 2025.

BRICS (Brasil). Sobre o BRICS. 2024. Disponível em: https://brics.br/pt-br/sobre-o-brics . Acesso em: 27 jun. 2025.

CABALLERO, J. The Competitiveness Strengths of the Expanded BRICS. [s. l.]: Henley & Partners, 2024. Disponível em: BRICS Strengths | BRICS Wealth Report 2024 | Henley & Partners . Acesso em: 27 jun. 2025.

COMEX STAT. 2025. Disponível em: Comex Stat - Dados Gerais . Acesso em: 27 jun. 2025.

DIMITRIEVA, D.; ILINOVA, A.; KRASLAWSKI, A. Strategic management of the potash industry in Russia. Resources Policy, vol. 52, p. 81-89, Jun. 2017. Disponível em: Strategic management of the potash industry in Russia - ScienceDirect . Acesso em: 27 jun. 2025.

EUROPEAN UNION. Green Paper - A European Strategy for Sustainable, Competitive and Secure Energy {SEC(2006) 317}. 2006. Disponível em: EUR-Lex - 52006DC0105 - EN - EUR-Lex . Acesso em: 27 jun. 2025.

GIL, A., C. Métodos E Técnicas De Pesquisa Social. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em: Livro: Métodos E Técnicas De Pesquisa Social - Antonio Carlos Gil | Estante Virtual

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Em 2019, PIB cresce 1,2% e chega a R$ 7,4 trilhões. 2021. Disponível em: Em 2019, PIB cresce 1,2% e chega a R$ 7,4 trilhões | Agência de Notícias . Acesso em: 27 jun. 2025.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. PIB cai 4,1% em 2020 e fecha o ano em R$ 7,4 trilhões. 2021. Disponível em: PIB cai 4,1% em 2020 e fecha o ano em R$ 7,4 trilhões | Agência de Notícias . Acesso em: 27 jun. 2025.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. PIB cresce 2,9% em 2023 e fecha o ano em R$ 10,9 trilhões. 2024. Disponível em: PIB cresce 2,9% em 2023 e fecha o ano em R$ 10,9 trilhões | Agência de Notícias . Acesso em: 27 jun. 2025.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. PIB cresce 3,0% e totaliza R$ 10 trilhões em 2022. 2024. Disponível em: PIB cresce 3,0% e totaliza R$ 10 trilhões em 2022 | Agência de Notícias . Acesso em: 27 jun. 2025.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. PIB cresce 4,6% em 2021 e fecha o ano em R$ 8,7 trilhões. 2022. Disponível em: PIB cresce 4,6% em 2021 e fecha o ano em R$ 8,7 trilhões | Agência de Notícias . Acesso em: 27 jun. 2025.

INFOMONEY. O que é BRICS e qual a importância do grupo para a economia. 2023. Disponível em: O que é BRICS e qual a importância para a economia | InfoMoney . Acesso em: 27 jun. 2025.

KHUDAYKULOV, A.; KHUDAYKULOVA, M.; YUANQIONG, H. Economic Consequences and Implications of the Ukraine-Russia War. International Journal of Management Science and Business Administration, vol. 8, n. 4, p. 44-52, Mai. 2022. Disponível em: Economic Consequences and Implications of the Ukraine-Russia War - Research leap . Acesso em: 27 jun. 2025.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de. A. Fundamentos de Metodologia Científica . 8.ed. São Paulo: Atlas, 2017. Disponível em: Fundamentos de Metodologia Científica | Amazon.com.br

NACH, M.; NCWADI, R. BRICS economic integration: Prospects and challenges. South African Journal of International Affairs, vol. 31, n. 2, p. 151–166, 2024. Disponível em: Full article: BRICS economic integration: Prospects and challenges . Acesso em: 27 jun. 2025.

NDB - NEW DEVELOPMENT BANK. About NDB. 2023. Disponível em: About NDB - New Development Bank . Acesso em: 27 jun. 2025.

NDB - NEW DEVELOPMENT BANK. Annual Report 2019. 2020. Disponível em: NDB_2019_ARA_1.pdf . Acesso em: 27 jun. 2025.

NDB - NEW DEVELOPMENT BANK. Annual Report 2020. 2021. Disponível em: NDB AR 2020_complete_v2 . Acesso em: 27 jun. 2025.

NDB - NEW DEVELOPMENT BANK. Annual Report 2021. 2022. Disponível em: NDB_AR_2021_complete.pdf . Acesso em: 27 jun. 2025.

NDB - NEW DEVELOPMENT BANK. Annual Report 2022. 2023. Disponível em: NDB_AR_2022_complete-1.pdf . Acesso em: 27 jun. 2025.

NDB - NEW DEVELOPMENT BANK. Annual Report 2023. NDB, 2025. Disponível em: NDB_AnnualReport2023.pdf . Acesso em: 27 jun. 2025.

NDB - NEW DEVELOPMENT BANK. History. 2023. Disponível em: https://www.ndb.int/about-ndb/history/ . Acesso em: 27 jun. 2025.

RIBEIRO, E. J. J.; MORAES, R. F. de. De BRIC a BRICS: Como a África do Sul Ingressou em um Clube de Gigantes. Contexto Internacional, vol. 37, n. 1, Jan./Abr. 2015. Disponível em: SciELO Brasil - De BRIC a BRICS: como a África do Sul ingressou em um Clube de Gigantes De BRIC a BRICS: como a África do Sul ingressou em um Clube de Gigantes . Acesso em: 27 jun. 2025.

SOUZA, A. L. P. de. A Globalização dos Mercados Agrícolas: uma Breve Reflexão Geral Sobre as Relações Brasil e Rússia no Mercado de Fertilizantes Pós Guerra da Ucrânia. 2023. 36f. Monografia (Graduação em Agronomia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2023. Disponível em: Repositório Institucional UFC: A globalização dos mercados agrícolas: Uma breve reflexão geral sobre as relações Brasil e Rússia no mercado de fertilizantes pós Guerra da Ucrânia . Acesso em: 27 jun. 2025.

STUENKEL, O. BRICS e o futuro da ordem global. 1.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2017. E-book. Disponível em:

https://www.google.com.br/books/edition/BRICS_e_o_futuro_da_ordem_global/m2EqDwAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=0 . Acesso em: 27 jun. 2025.

UOL. Em 24 de fevereiro de 2022, a Rússia de Vladimir Putin invade a Ucrânia. 2023. Disponível em: Em 24 de fevereiro de 2022, a Rússia de Vladimir Putin invade a Ucrânia - 14/02/2023 - UOL Notícias . Acesso em: 27 jun. 2025.

VERÍSSIMO, M. P.; VIEIRA, F. V. Crescimento econômico em economias emergentes selecionadas: Brasil, Rússia, Índia, China (BRIC) e África do Sul. Economia e Sociedade. vol. 18, n. 3, p. 513-546, Dez. 2009. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ecos/a/ccGn4DV48xvBxhzTQ8WJ6tN/ . Acesso em: 27 jun. 2025.